

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

O inferno de Dachau

Impressões de uma visita aos campos de concentração

(Do nosso enviado especial NORBERTO LOPES)

DACHAU, 12.—O Alto Comando Aliado convidou alguns jornalistas de países neutros para verificarem, com os seus próprios olhos, os horrores dos campos de concentração alemães. A verificação está feita. Depois de visitar Dachau, podemos testemunhar, com plena consciência, segundo o que vimos e os depoimentos que recolhemos, as atrocidades que ali se cometeram—as atrocidades que se cometeram em todos os campos de concentração alemães.

Dachau, fica a vinte quilómetros de Munich. Uma estrada que atravessa campos cultivados, por entre vedações floridas e acampamentos de soldados americanos, conduz-nos lá. É o primeiro campo de concentração construído pelos nazis, o maior e o mais tristemente célebre.

Passaram por Dachau algumas celebridades mundiais. Foi dali que o ex-chanceler Schuschnigg partiu para a morte, depois dum longo cativeiro. A mulher e uma filhinha de quatro anos, que viu a luz na cela da prisão, continuam em Dachau.

Daladier, Reynaud, Blum e o bispo de Clermont Ferrand estiveram, numa determinada altura, em Dachau, quando os alemães tiveram de abandonar a França, levando consigo os reféns que tinham sob custódia.

Dachau foi projectado para dez mil prisioneiros. Pois chegou a ter mais de 35 mil e ainda hoje tem 32 mil,

segundo o cômputo dos americanos. Polacos, judeus, russos, alemães, franceses, italianos, belgas, espanhóis, gente que pertence a vinte cinco nacionalidades e que foi presa, tanto nos países ocupados como no Reich.

A lista inclui quatro portugueses, mas não nos foi possível descobri-los.

Aquilo que vimos e ouvimos excede tudo quanto a imaginação pode conceber. Valia a pena ter ganho a guerra só para libertar a humanidade deste horrível pesadelo. Dachau é uma legenda de degradação e de ignomínia. Uma nódoa que é preciso lavar da face da terra para sempre.

Para trás do dia 7 de maio fica Dachau. Para diante, queremos acreditar que se faça alguma coisa de novo, de bom e de generoso para dignificar o homem e redimir a humanidade das suas culpas.

O campo de concentração ocupa uma vasta área cercada de muros altos e vedação de arame farpado, onde se alinham dezenas de barracões de madeira, uns mais «confortáveis» do que outros, mas todos de aspecto miserável e de interiores imundos. Abaixo de tudo quanto se possa conceber, há o «Ghetto», a parte do campo destinada aos judeus, os blocos fechados, onde ninguém podia entrar e que não eram mostrados nem mesmo aos dirigentes nazis quando iam visitar Dachau. O «Ghetto» é a última degradação, a última das ignomínias. Os



Um prisioneiro do campo de concentração

prisioneiros viviam ali em piores condições do que suínos numa pocilga. Dormiam, como, de resto, em todos os barracões, numas tarimbas sobrepostas em vários planos, aos três, quatro, cinco e às vezes mais por cada tarimba e nas mais precárias condições de higiene. Os beliches não tinham colchão, os lençóis eram de papel e, no inverno gelado da Alemanha, cada prisioneiro tinha direito a um cobertor. Sofriam maus tratos, fome, frio, miséria. Era uma agonia lenta e demorada. Era um sofrimento físico e moral inenarrável. O deapauramento, a doença, a morte, o forno crematório. Médicos, advogados, sacerdotes, escritores, jornalistas, operários, vindos de todos os pontos da Europa ocupada e da própria Alemanha, arrastavam em Dachau uma existência miserável, em condições abjectas.

A ordem de Himmler chegou tarde

Himmler dera ordem para evacuar o campo e exterminar todos os prisioneiros que não pudessem ser transferidos. Mostraram-nos o telegrama. Dizia que era necessário evitar, a todo o custo, que algum caísse nas mãos do inimigo. A comissão especial das SS chegou ao campo, em 15 de abril, para apagar todos os vestígios dos crimes que ali se tinham praticado.

No dia 25, foi dada ordem para evacuar rapidamente Dachau. Sete mil prisioneiros chegaram a estar prontos para partir. Só algumas centenas o puderam fazer.

(Continua na pag. central)

Gamelin

afirma que em 1940 o armistício não era preciso

PARIS, 16.—A rádio desta cidade disse que o general Gamelin, comandante chefe dos exercitos franceses, nos primeiros meses da guerra, disse:

—Estou convencido de que, se tivesse conservado o meu comando, não teria havido armistício, pois nunca julguei que fosse necessário e nunca desesperei da vitória.

Gamelin depunha na instrução contra o marechal Pétain.

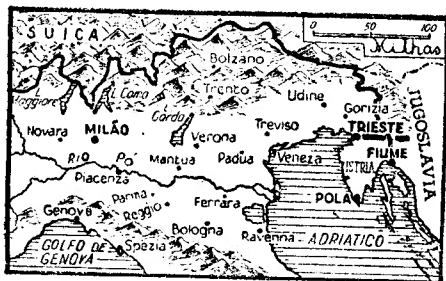
Explicando o seu silêncio no julgamento de Riom, em que compareceram os políticos franceses, disse:

—Não desejei deixar-me arrastar numa discussão técnica de assuntos militares, em presença dos alemães. Para mais, o governo de Vichy exerceu sobre mim violenta pressão para eu falar inteiramente durante as audiências. Desejava que eu falasse e isso era um motivo bastante para eu me conservar calado.—(R.).

Desapareceu o homem que raptou Mussolini

JUNTO DO 3.º EXÉRCITO AMERICANO, 16.—As autoridades militares aliadas procuram encontrar o alemão Otto Skourzeny, especialista em missões de espionagem e sabotagem. O referido indivíduo, que é excepcionalmente alto—1.95—e tem a cara coberta de cicatrizes, foi o organizador da missão de paraquedistas que operaram a espectacular fuga de Mussolini, quando este estava prisioneiro de Badoglio. Skourzeny desapareceu agora com grupos de seus mais dedicados colaboradores, recrutados entre todas as tropas da Alemanha. Numa busca que se passou na montanha fronteiriça do Reich com a Checo-Eslóvia, encontrou-se o seu diário, mas ignora-se o paradeiro desse indivíduo, que pode estar a organizar guerrilhas para atacar os exercitos de ocupação.—(R.).

A situação em Trieste



A situação em Trieste encontra-se, por enquanto, mal esclarecida. Mas não há dúvida que ela justifica todas as inquietações e não é de excluir a hipótese de que se agrave durante os próximos dias. A tendência para deixar as autoridades militares, o marechal Alexander, dum lado, o marechal Tito, do outro, o encargo delicado de negociar vai decerto contribuir para adensar a atmosfera de inquietação que se estabeleceu em volta daquele porto do Adriático. Há

em Trieste soldados jugoslavos e soldados neo-zelandeses, estes últimos comandados pelo general Freyberg, que se distinguiram durante a campanha de África, e mais tarde em Itália. Excluída a possibilidade duma solução conseguida pela indicação duma terceira potência, por conversações directas entre os interessados, resta a esperança de que a camaradagem de armas, afirmada ao longo de uma guerra de quase seis anos, consagre um arranjo transitório que evite o espectáculo lamentável dum reconto entre aliados.

A irredutibilidade das posições tomadas transparece nas linhas do noticiário que o telegrafo diariamente nos fornece sobre o assunto. Por detrás desse noticiário há a paisagem perturbada dos interesses que se chocam, e das aspirações que procuram uma satisfação apressada antes que seja demasiado tarde.

Os pontos de vista inglês e jugoslavo

O marechal Alexander, comandante chefe das forças anglo-americanas, está encarregado de interpretar o ponto de vista britânico nas diligências que estão em curso para a liquidação do incidente de Trieste. Esse ponto de vista apoia-se em argumentos mais de ordem formal que de ordem real. A Grã-Bretanha deseja ver resolvidas na Conferência da paz, e não antes disso, todas as questões relativas ao futuro ajustamento das fronteiras territoriais no continente europeu. Por outro lado, estando a cidade de Trieste incluída no território italiano à data da cessa-

(Continua na 11.ª pag.)

Não se sabe de Himmler

Q. G. DO 21.º GRUPO DE EXÉRCITOS, 16.—(Do correspondente especial da Reuter, Denis Martin)—Himmler acha-se ainda na área de Flensburg, na fronteira germano-dinamarquesa, mas as informações de que ele fora entregue às forças britânicas são inteiramente falsas, segundo se anuncia. O seu paradeiro exacto não se conhece ainda e não se sabe mesmo se está a ser mantido pelas forças alemãs que capitularam ou se se escondeu.—(R.).

Duas grandes manifestações

ao Chefe do Estado e ao Chefe do Governo

pela política de Portugal durante a guerra

Uma grande manifestação nacional, constituindo um preito de reconhecimento que perdurará certamente na história política portuguesa, vai realizar-se no sábado, em Lisboa. O venerando Chefe do Estado e o prestigioso Presidente do Conselho e ministro dos Estrangeiros receberão do povo, advindo de todas as províncias de Portugal, o testemunho da sua gratidão por, mercê de uma política externa nobre, digna e inspirada nos superiores interesses da Pátria, haverem logrado poupar o país a todas as calamidades da guerra.

A iniciativa partiu da Associação Central de Agricultura Portuguesa, e foi imediatamente acolhida com tal entusiasmo e fervor patriótico, que houve de dar maior amplitude ao

primeiro projecto, e constituir uma comissão formal, que pudesse levar a efeito, com grandeza indispensável para a satisfação da consciência nacional, a manifestação pública planeada. A essa comissão preside o antigo ministro sr. coronel Lopes Mateus.

No manifesto da comissão executiva encontra-se esta passagem:

«Trata-se de um solene testemunho do agradecimento devido a quem soube poupar a Nação a todas as calamidades da guerra, sem que para isso faltasse ao menor dos seus compromissos internacionais, repudiasse algum dos princípios basilares que presidem aos destinos colectivos ou descuidasse, por um momento, apenas, a legítima

(Continua na pag. central)

VIDA OFICIAL

O «DIÁRIO DO GOVERNO»
PUBLICOU HOJE

Portaria nomeando o sr. Marc Régagnon professor de prática de língua francesa no Colégio Militar da Luz.

Portaria louvando, pelo Ministério da Guerra, a firma do Porto, Silva, Barros Limitada, por haver oferecido colaboração insistentemente numa obra destinada à colónia de férias do Instituto de Odivelas.

Portaria nomeando o engenheiro agrônomo Henrique Teixeira Queiroz de Barros e dr. António Branquinho de Oliveira professor catedrático do Instituto Superior de Agronomia, por dois anos.

Decreto que permite que aos técnicos das missões nomeadas para proceder ao reconhecimento geral das necessidades de melhoramento e apetrechamento dos pequenos portos marítimos dos Açores e da Madeira possam ser atribuídas gratificações mensais durante os períodos de ausência do continente.

Decreto que cria a missão de estudo e combate da doença do sono na Guiné, e fixa o seu pessoal, obrigações e vencimentos.

O PORTO de telefone

Exposição Suíça

PORTO, 16.—Trabalha-se afanosamente no Palácio Cristal para que seja inaugurada, na próxima sexta-feira, a exposição Suíça, que ocupa as três naves daquele grande edifício municipal. Estamos informados de que a este importante certame concorrem as mais reputadas empresas industriais da república helvética, sendo de presumir que a exposição já a mais importante das organizadas por aquele país quer dentro das suas fronteiras, quer no estrangeiro. Esta tarde realizaram-se a recepção e a vítima da Imprensa.

Morte de um cigano

No hospital da Misericórdia faleceu o cigano Alfredo Gabarros, de 20 anos, casado, ceiteiro, natural de Monção que, no dia 7 de abril, foi vítima de uma agressão a tiro, ocorrida em Famalicão, onde residia.

Morto na linha ferrea

Esta manhã apareceu junto à linha ferrea, entre as estações de Campanhã e S. Bento, no lugar do Seminário, o cadáver de um homem, aparentemente ter 22 anos, cuja identidade se ignora. O infeliz calçava botas militares e usava o cabelo cortado à máquina.

Na lapela do casaco ostentava um emblema desportivo.

Mulher afogada

Foi hoje identificado o cadáver daquela mulher que anteontem pereceu afogada na Foz do Douro. Trata-se de Alzira da Conceição, de 62 anos, solteira, moradora em Paranhos.

CONFERENCIAS

Amanhã, às 11 horas, no hospital Estefânia, realiza-se mais uma conferência da série organizada pelo Serviço de pediatria, de que é director o sr. dr. Cordeiro Ferreira. Falará o sr. dr. Silva Nunes, sobre «Lesões obstétricas do recém-nascido».

Amanhã, quinta-feira, pelas 22 horas, no Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes», o sr. Saul do Nascimento Rodrigues pronuncia uma conferência subordinada ao tema «A sociedade de recreio alfofre de artistas, relicário de virtudes, construtora de lares». A apresentação do conferente será feita pelo sr. Raul Esteves dos Santos, conhecido publicista.

Rádio Clube Português

O programa semanal de «Música da América», ao microfone de Rádio Clube Português, será dedicado esta semana, à música do compositor americano Russell Bennett. Serão interpretados os trechos «Jingle Jangle Jingle», uma das mais populares canções das forças armadas americanas; uma melodia da opereta americana «Show Boat», de Jerome Kern, e «Picture for Orchestra», suite sinfónica de Russell Bennett sobre a música de Oklahoma, uma das mais populares operetas americanas, ainda em cena em Nova York.

Como habitualmente, o programa terá início às 21 e 30.

ESPELHO D'AGUA



O maior e mais luxuoso Dancing de Lisboa
TEL: 81-068

Teatros e Cinemas

EFEMÉRIDES

1857: Estreia-se o actor Vidal, que começou como amador dramático. O seu primeiro teatro foi o Variedades, passando para o Ginásio e, por fim, para o D. Maria, onde chegou a substituir o actor Tasso, quando este abandonou aquele teatro, para ir com Francisco Palha para o teatro da rua dos Condes. Foi casado com a actriz Luiza Vidal. Faleceu a 20 de setembro de 1869.

Atrás do reposteiro

Está já escolhido o repertório de peças de grande montagem que o empresário Ricardo Covões vai apresentar na próxima época de inverno no Coliseu, a começar na segunda quinzena de setembro.

Na revista «A Patiscada», que sobe à cena na próxima semana, no Avenida, a actriz Filomena Casado vai desempenhar, entre outros papéis, os de «Joana» e «Narcisa».

O «compère» da revista «A Rua», em ensaios no Apolo, vai ser interpretado pelo actor Ricardo Santos Carvalho, e intitula-se «O Zé dos Apertados». Na companhia ingressa o actor Armando Machado.

O bailarino Raul António, que fazia parte do grupo «Verde Galois», vai ingressar na companhia Rosa Mateus.

Desligou-se do elenco do Luso a artista Maria Carmen, que vai fazer parte dum outro recinto de variedades a inaugurar brevemente.

Mário Pedro continua na gerência do teatro Apolo, da empresa Piero.

A bailarina Arlete Lopes estreia-se como discipula na nova revista em ensaios no Avenida.

O Parque das Camelias, no Porto, vai representar este ano algumas revistas em 1 acto, além dos espectáculos de variedades.

Mário Nobre realiza no próximo sábado, no teatro da Casa de Tomar, um serão recreativo, que será também transmitido pela rádio Renascença.

Diz-se que a actriz-cantora Violante Montanha é uma das artistas convidadas para seguir brevemente para o Rio de Janeiro.

Já regressou a Lisboa a actriz Emilia Candeias, que foi a Espanha tratar de assuntos que se relacionam com a sua Agência Artística.

O empresário Cunha e Silva está já a organizar os programas de variedades a apresentar no verão, no teatro da esplanada da «Voz do Operário».

A ópera em 3 actos, «Tosca», de Puccini, que amanhã se canta no Coliseu, tem a interpretação dos artistas Fidéla Campina, Salvatore Romano, Pablo Vidal, Lazaro Erauzquin, Cezar Munain e Vicente Riazza.

Os estudantes de Letras

vão representar Molière

Amanhã, às 17 e 30, um grupo de estudantes da Faculdade de Letras, leva à cena, no Teatro Nacional de D. Maria II, a célebre comédia de Molière, «Les Femmes Savantes». É esta a primeira récita do Teatro dos Estudantes da Faculdade de Letras, que se propõe manter-se como organização permanente da Associação Académica daquela Faculdade e levar à cena algumas das obras-primas do teatro universal. Antes da representação, dirá algumas palavras o professor dr. Vitorino Nemésio, que actualmente rege a cadeira de Literatura Francesa da Faculdade de Letras. Assiste ao espectáculo o sr. Presidente da República.

Ópera em S. Carlos

Hoje, única récita com a ópera «Vida Breve» e o bailado «O amor bruxo»

Lola de Aragon e Maquela del Rio são duas verdadeiras artistas consagradas em todo o mundo e que, hoje se estreiam em S. Carlos, no empolgante drama lírico de Falla, «Vida Breve», e no bailado «O amor bruxo», também de Falla, sob a direcção do maestro Pedro de Freitas Branco, num espectáculo de elevada categoria. Lola de Aragon, de fama mundial, com a beleza peregrina da sua voz, tem sido aclamada por todos os públicos desde o Scala de Milão até Londres e Nova York, como a ideal intérprete de Mozart e dos grandes autores espanhóis. Manuela del Rio é a famosa bailarina considerada pela sua arte, pelo fogo da sua alma, pela sua graciosidade,

a maior intérprete do bailado clássico espanhol, que além da sua actuação na «Vida Breve», se apresenta com o seu corpo de baile em «O amor bruxo», estreando-se ainda na ópera de Falla o tenor Ordony e o barítono Ansensi, duas vozes privilegiadas, completando o conjunto o baixo Sabat, Elena Lucci, Irene Servais e José Teixeira. Para o brilhantismo e magnificência do espectáculo, os cenários são todos novos. Os da «Vida Breve», cuja acção se passa em Granada, são de Garcia Ros, maquetas de Viudas e Burgos, e os de «O amor bruxo», cuja acção se passa em Cadiz, são de Manuel Oliveira, sob maquete de Hugo Manuel. No sábado e na segunda-feira realizam-se as duas ultimas récitas de assinatura e ultimas da temporada, com as óperas «Werther» de Massenet e «Bodas de Figaro», de Mozart, que se canta pela primeira vez em Portugal.

A ópera «Lohengrin»

Hoje, em espectáculo unico, no Coliseu

O Coliseu não tem sido apenas um motivo de alegria de Lisboa, pois que vem servindo integralmente a cultura e o progresso espiritual do nosso publico. Assim, a Empresa, apenas com o firme propósito de agradar ao publico e lhe fornecer bons espectáculos culturais, não se poupa a esforços para o fazer.

Sem ajudas exteriores, sem qualquer espécie de subsídios ela traz a Lisboa tudo o que, debaixo do ponto de vista artistico, possa ser uma fonte, um elemento e uma escola de arte para o publico.

Está neste caso a Grande Companhia Operaria Italiana, que desde a sua estreia em Lisboa tem alcançado um exito digno de nota e levado ao Coliseu um publico numeroso, ansioso de ouvir as suas partituras musicais mais queridas. Pena é que esta grande companhia entre agora na sua ultima semana e tenha tão cedo que nos deixar.

Hoje, em espectáculo unico, apresentar-se-á a célebre ópera em 4 actos, de Ricardo Wagner, «Lohengrin», para estreia da soprano Mercedes Capsir, uma das artistas mais ovacionadas e mais escolhidas do nosso publico. A seu lado cantará o formidável tenor Pablo Civil e o grande contralto Conchita Velasquez. A orquestra, composta de professores nacionais e estrangeiros, será regida pelo insigne maestro José Sabater.

O publico vai hoje, mais uma vez, encher a vasta sala do Coliseu, para aplaudir um magnifico espectáculo de arte.

Quinta-feira, estreia da «Tosca», com Fidéla Campina, Salvatore Romano e Pablo Vidal.

RECINTOS DE DIVERSÕES

Pela empresa do Cristal foi proposto contrato à estrela de baile italiana Renata de Alba, que actualmente se encontra em Barcelona.

Estreou-se ontem, com grande éxito, no Miami, a bailarina Mariana.

Comemorando o seu aniversário publica um numero de 16 páginas de palpitante interesse e profusamente ilustradas.

Sumário do numero que hoje é posto á venda: No limiar dum novo ano.—As atrocidades nos Campos de Concentração.—Quando a guerra acaba e se impõe a paz, por Carlos Ferrão.—Romain Rolland perdido e reencontrado, por Marcel Sauvage.—Passeios pelo meu mundo, de J. Soares Lopes.—Curiosidades científicas; Consultorio cultural.—Imprensa de Portugal.—Penas illustres que contribuíram para a vitória, um artigo de John Lehman, especial para O GLOBO.—O novo inimigo da Europa.—A lingua da diplomacia.—Cinema.—A dobragem e os «pais da pátria», por Vasco Vidal.—Rádio, uma página de Mário Lisboa.—Charadismo, etc.

«O GLOBO»

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Uma optima leitura por 1\$00

Vida desportiva

FUTEBOL

Portugal-Suíça

No Lusitania-Expresso partiram ontem para Madrid, de onde seguirão para Basileia, local onde se efectua na próxima segunda-feira, 21 do corrente, o encontro internacional Portugal-Suíça, os dirigentes da F. P. F., srs. drs. Bento Couto da Rocha, Vicente de Melo e Facco Viana e o maçagista da «equipe» nacional, Manuel Marques.

Os jogadores partem amanhã, às 7 e 45 horas, de avião, juntando-se-lhes em Madrid os seleccionados do Belenenses, o seleccionador nacional, nosso colega de redacção Tavares da Silva e o sr. dr. Salazar Carreira, inspector de desportos.

HIPISMO

Chegou a «equipe» espanhola

No «Lusitania Expresso», chegou hoje, a estação do Rossio a «equipe» de oficiais espanhóis que vem representar oficialmente o país vizinho nas provas do Concurso Hipico Internacional de Lisboa, que se inicia no próximo domingo. A missão espanhola é comandada pelo sr. coronel Manuel Letónia, da qual fazem parte três cavaleiros da maior categoria internacional, que são os srs. tenentes-coroneis Garcia Fernandez e Hector Vasquez e comandante Gavilan, além dos srs. capitão Ponte Monera, que tem fama de ser um dos mais destemidos cavaleiros de Espanha.

Eram aguardados pelos srs. general Latino, major Almeida Ribeiro, secretário da direcção da Sociedade Hipica, Rogério Macedo, capitão Reimão Meira e Silva, Rodrigo Castro Pereira, director da Sociedade Hipica, coronel Mousinho de Albuquerque, coronel Esmeraldo de Carvalhais, pelo Ministério da Guerra; adido militar espanhol, coronel Prado, major Ivens Ferraz, etc., os quais apresentaram aos nossos hospedes os cumprimentos de boas vindas.

DISCIPLINA DO TRABALHO

Uma comissão encarregada de promover a disciplina contratual

O II Congresso da União Nacional teve ocasião de se ocupar de vários problemas relativos ao regime de trabalho, designadamente no aspecto da sua disciplina contratual.

Agora, foi oficialmente considerada a vantagem de proceder ao estudo dos resultados do debate, apreciando as sugestões formuladas e examinando até que ponto poderão influir na eventual promulgação de adequadas medidas legislativas, pelo que foi nomeada uma comissão para proceder ao estudo daquela disciplina contratual.

Dela fazem parte os srs. dr. António da Mota Veiga, que servirá de presidente, drs. Pereira Barreiro, Alexandre Ribeiro da Cunha, António Amaral Pyrrait, e José Carlos Ferreira, que servirá de secretário.

RATOS DE HOTEIS

VENDAS NOVAS, 16.—Numa pensão desta vila pernottaram ontem o negociante Manuel António Verissimo, do Montijo, e Carlos Pinto Pimenta, de Gondomar. Esta manhã, quando contava o seu dinheiro, o primeiro deu por falta de quatro notas de mil escudos. Aprezentou imediatamente queixa no posto da G. N. R., não tardando a presumir-se que o gatinho tinha sido o Pimenta. Este, que foi preso na estação de Bombel, quando se preparava para tomar o comboio para Lisboa, confessou o furto.

FESTA NACIONAL DA NORUEGA

Passa amanhã o dia nacional da Noruega, que naquele país se festeja em comemoração da Constituição de 17 de maio de 1814. Por motivo da recente libertação do território norueguês de tropas inimigas, que durante a ocupação proibiram que esta data fosse festejada, as comemorações deste ano revestem-se de significado muito excepcional. Por esse motivo, o ministro da Noruega em Lisboa, sr. Fr. Jakhellin, dará amanhã, às 17 horas, recepção aos seus compatriotas.

REUNIÕES CIENTÍFICAS

Seguiram para Madrid o sr. dr. Clarimundo Guedes Emilio e outros médicos portugueses, que vão tomar parte no congresso espanhol de odontologia. O presidente da Sociedade Portuguesa de Odontologia, sr. dr. Ferreira da Costa, que se encontra doente, enviou aquele congresso uma comunicação sobre «Um caso de hemi-ressocção do mandibular».

DE LUTO

Francisco José Alves

Da sua residência, rua Angelina Vidal, 84, 2.º, esquerdo, para o cemitério do Alto de S. João, realiza-se amanhã, às 10 e 30, o funeral do sr. Francisco José Alves, pai do sr. José Baptista de Carvalho, empregado no comércio.

Sábado, dia 19

não abre

«A MARIAZINHA»

CASA DE CAFÉS

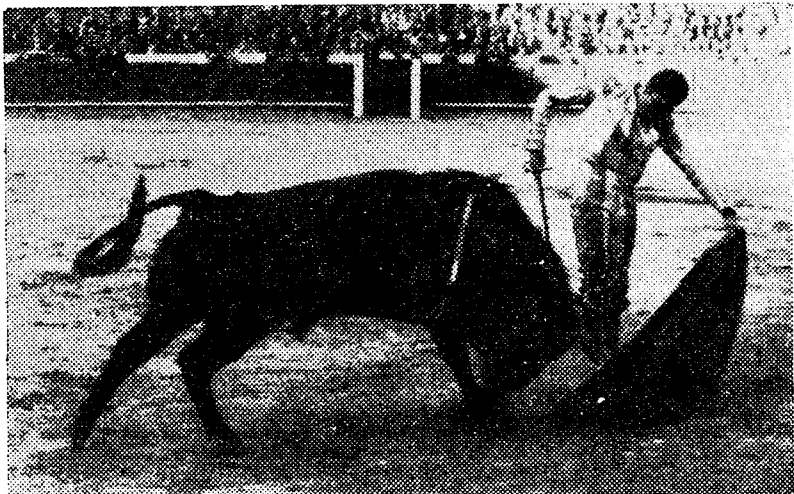
devido á justa homenagem que nêsse dia se realiza



Domingo: 5 «ases»
em 10 touros, do Ex.^{mo} Sr.
João de Assunção
Coimbra

Um «Portugal-Espanha»: SIMÃO DA VEIGA, JOÃO NÚNCIO e D. ALVARO DOMEQ, em sensacional competição.

Um «México-Espanha»: SILVERIO PEREZ e PEPIN MARTIN VASQUEZ, em inédito mão-a-mão.



Silverio Perez toureia assim e tão bem que tem uma estátua no México e fez com que os toureiros dali se «Silverizassem», expressão criada pelos mexicanos.

A bilheteira dos Restauradores abre amanhã, 5.^a feira, às 11 horas. É um aviso!

«AO CAVIAR IMPERIAL»
RESTAURANTE - BAR - CHA
A MAIS SELECTA
ASSISTENCIA NO MAIS
REQUINTADO
AMBIENTE

R. 1.^o DE DEZEMBRO, 71
Tel.: 20821

RETIRO DOS MARIALVAS



Guiomar da Conceição



Aurora Sobral

A's 21 horas, grandioso espectáculo de fados, desgarradas e outros atractivos, em que tomam parte as mais novas artistas desta empresa, num conjunto radiante de mocidade e beleza.

Amanhã, estreia neste «Retiro», da revelação da rádio

— LIDIA NUNES —

Marcam-se mesas pelo telef. 25676.

Meu menino,

— Lembre à Mamã que o
Salão de Chá MINERVA
é o encanto de todos os meninos
R. José Falcão - Av. Almirante Reis, 142
Telef. P.B.X. 52249

BORDADOS
e ALTA COSTURA
Rua dos Sapateiros, 139, 3.^o D.
Tel. 2 3754

CRISTAL BAR-DANCING DA MODA
Hoje e todas as noites

AS ATRACÇÕES QUE O PUBLICO APLAUDE

MARY-MERCHE E SEU
QUARTETO **CAMAGÜEY**

Orquestra CRISTAL e OUTRAS ATRACÇÕES



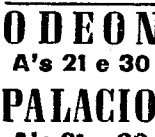
2.^a SEMANA
A irmã do seu criado

com Deana Durbin
C. 27172—A's 9.30 Franchot Tone e Pat O'Brien



ULTIMA
Confiança no futuro

com John Garfield e Anne Shirley



ESTREIA
Zona Internacional

com Georges Sanders e Virginia Bruce



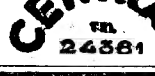
A's 21 e 30
Confio-te minha mulher

com Heinz Rühmann



Levemente perigosa Billy, o vingador

com Margaret Sullivan



Perdão de pai Raparigas à solta

com Margaret Sullivan



Correspondente de guerra Viva o casamento

com Margaret Sullivan

TIVOLI A NOIVA DO BRASIL

A's 21 e 30
FILME policial português
Realiz. de SANTOS MENDES



A mulher que não sabia amar
(EM TECNICOLOR)
com Ginger Rogers

«Matinées» diárias

2.^a SEMANA
Trindade A vizinha do lado

Filme de LOPES RIBEIRO, com 8 ESTRELAS



Inês de Castro

de Leitão de Barros



Revolta na cidade

Navios com asas



LEVENTE PERIGOSA Billy, o vingador

com Margaret Sullivan



Elas também combateram

com Margaret Sullivan

MIAMI

O MAIS ANIMADO
E SELECTO DANCING
DE LISBOA

Apresenta a simpática vedeta de baile

MARIANA

que ontem obteve um formidável êxito

NO PROGRAMA :

INA MONTEMAR ESTRELA DA RADIO
SUL-AMERICANA

PYL y MYL e seu Ballet

ORQUESTRA **CARAVANA** SOB A DIRECÇÃO DE
FRED TRINSHER
E OUTRAS GRANDES ATRACÇÕES

CONCHA

O MAIS CARACTERISTICO
CABARET DE LISBOA
HOJE

Estreia de **PEPITA BALLESTEROS**

No programa: OUTRAS GRANDES ATRACÇÕES

ORQUESTRA LUSO-BRASILEIRA com ALFREDO LOPES

Brevemente, pela 1.^a vez em Portugal

MARGARITA RIBAS

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL—A's 22—«Vidas sem rumo».
APOLO—A's 20 e 45 e 45 e 22 e 45—«Bolacha americana».

COLISEU—A's 21 e 30—«Lohengrin».

CINEMAS

S. LUIZ—«A irmã do seu criado».

TIVOLI—«A noiva do Brasil».

EDEN—«A mulher que não sabia amar».

POLITEAMA—«Confiança no futuro».

TRINDADE—«A vizinha do lado».

GINASIO—«Confio-te minha mulher».

ODEON—«Zona internacional».

PALACIO—«Zona internacional».

CAPITOLIO—«Revolta na cidade».

OLIMPIA—«O terror dos malfetores».

TERRASSE—«Levemente perigoso».

REX—«Perdão de pai».

VIDA MUNDANA

CONCERTO DE BENEFICENCIA

Promovido pela União Noelista Portuguesa, realiza-se depois de amanhã, sexta-feira, pelas 16 horas, no cinema Tivoli, um concerto de beneficência.

Nesta tarde de arte, que promete um brilhante êxito, colaboram os ilustres artistas Stella Tavares, professor Abreu Mota e a Polyphonia.

Os bilhetes que ainda restam, podem ser pedidos pelo telefone 4 6986.

FESTA DE CARIDADE

No Capitólio, realiza-se no sábado uma «matinée» de caridade, em favor do Centro de Assistência Social da Trafaria.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

HOJE às 22 horas. HOJE

3 actos de **Olga Alves Guerra**

VIDAS SEM RUMO

Notável desempenho de Raúl de Carvalho, Madalena Sotto, José Gamboa, Maria Clementina, Luiz Filipe, Maria Barroso, Paiva Raposo, Maria C. Real e Pedro Lemos.

Na próxima semana
AS DUAS MÁSCARAS

APOLO

TELEF. 2 6843
2—SESSÕES—2
20,45 e 22,45

Grande sucesso da nova revista

BOLACHA AMERICANA

com Herminia, «Costinha», Carmencita, R. Santos Carvalho, e as atracções Os Ravazzolo, Peggy e Humberto—Maria Sdonio e António Mestre (acordeonista)



LUSU
Palácio
S. Roque



Emilia d'Araujo e Manuel Fernandes

A's 21 e 30 — Hoje

Estreia da consagrada artista Emilia de Araujo, ouvindo-se também a vibrante cantadeira ILDA SILVA, a pequena fadista MARIA FERNANDA, o rei do riso António Carriças e os mimosos cantadores GUILHERME JANEIRO e MANUEL FERNANDES. Solos de guitarra e viola por JAIME SANTOS e MARTINHO D'ASSUNÇÃO.

Amanhã: Noite da Moda, com Bertha Cardoso.

ARCADIA O Dancing n.º 1 da Capital **ARCADIA**

APRESENTA O MELHOR E MAIOR PROGRAMA DE VARIEDADES
NUM ESPECTÁCULO DE CATEGORIA INTERNACIONAL

PARADA DE BELEZA

É O GRANDE ACONTECIMENTO ARTÍSTICO DE LISBOA

REALIZADO POR UM GRANDIOSO ELENCO DE 30 ARTISTAS
E ANIMADO POR DUAS EXCELENTE ORQUESTRAS



«Escravos da morte» de Guedes de Amorim

Não é fácil ser-se um Guy de Maupassant em Portugal. A prolixidade, o defeito — para alguns, virtude — do nosso excesso visual e imaginativo, entorpecem, adensam, sobrecarregam muitas vezes o que deve ser em estado puro, o verdadeiro conto. Esse exige uma técnica, possui os seus cânones e os seus limites.

O conto distingue-se da novela pela sobriedade linear, pela condensação, com o mínimo de efeitos literários, do facto, necessitando apenas meia dúzia de linhas para apresentação das figuras, registo do ambiente, ou cenografia paisagística.

O conto está para o romance como a «maquette» apondo a linha geral e o movimento da acção, para a estatua, que é um conjunto decorativo e, portanto, cheio de acessórios.

Guedes de Amorim é, sem dúvida, um dos maiores contistas do nosso tempo. Diz-se-lhe mesmo que o romancista que há nele se encontra mais à vontade, como fogo de talento, inspiração humana e aquele emotivo tão fundo que tem, porventura, a sua voz subterrânea num Gorki, nestas pequenas novelas de que «Escravos da Morte» é, apenas, um feixe da sua prodigiosa serra literária. O romancista potente do «Ninho de Aguias», destacado com o prémio académico Ricardo Malheiros, não se deixou dormir à sombra letal dos louros, arduamente conquistados com as mãos a sangrar de trabalho intenso.

Neste novo livro, com o simbólico título de «Escravos da Morte», o seu talento iguala o seu sofrimento.

São fragmentos de vida naturalista, arrancados à terra, onde há vozes irmãs de cavadores, dores ignoradas e silenciosas como raízes, dramas que só ele, com a sua observação penetrantemente diabólica, consegue prospectar e trazer à superfície em mananciais de lágrimas ou como oiro amassado em escórias de ignominias e de perdoes.

Guedes de Amorim não faz regionalismo, nem trata os seus quadros em tintas de aguarela, assim como também não o explora, tetricamente, com o sentido convencional de que os caracteres rústicos são sempre primários e unilaterais. É certo, natural e, sobretudo, angustiadamente humano. O seu barro é modelado, crispado em meia dúzia de dedadas vigoorsas e febris, naquela síntese que torna a realidade da vida mais poderosa, mais eloquente. O que ao escritor surpreende ainda mais é que todos os seus contos são, por assim dizer, inéditos. São conduzidos às cegas até a um desfecho inesperado — virtude suprema do contista nato. Guedes de Amorim, que atingiu, no generoso, uma supremacia literária, tem em «Escravos da Morte» uma obra-chama, animada por um grande sopro de emoção. Ela palpita, diz-se-lhe mesmo escorrer lágrimas, ou desentranhar-se em gritos, se não explosões de dor. Contos como «O carro da morte», «Pastores», «Juramento sagrado», «As cardalheiras» são trechos que reproduzem humanidade, localizados, substancialmente nas nossas coordenadas geográficas.

«Escravos da Morte» vai correr mundo. Um dia voltará às mãos de Guedes de Amorim, traduzido em várias línguas, porque apesar do seu portuguesismo, o seu conteúdo literário é universal. Editorial Enciclopédia.

ARTUR PORTELA

1 O livro de versos «Poço sem Fundo», a que no último número fizemos referência, é da autoria do sr. dr. Severiano Barbedo. Pedimos desculpa da «gralha», mas nem sempre se vêem todas para as «caçar» devidamente.

2 Quando as vozes se calam, romance de Maria da Graça Azambuja. Trata-se de uma obra emoldurada na paisagem ribatejana, no qual se historiza um conflito íntimo. Parceria Pereira.

VIDA Literária

O PRETO NO BRANCO

O SR. MENDES

Era de meia idade e também de estatura mediana. Não se poderia dizer que fosse um janota, mas era uma pessoa muito correcta — de calças muito bem vincadas, de risca no cabelo muito bem feita, a barba cuidadosamente escanhada e nunca ninguém lhe descobriu na gola do casaco um sinal de caspa ou notou que deixasse crescer os cabelos nos ouvidos ou permitisse que se lhe projectassem para fora das narinas as «vibrissas» do nariz. E isto era fácil que sucedesse porque o sr. Mendes tinha muito cabelo e umas sobrancelhas fartas e negras. Este pormenor denota cuidado e frequentes recomendações ao barbeiro: «passe a máquina aqui pelas orelhas; veja-me esses cabelos das «narinas». Porque, tenho a certeza, que o sr. Mendes, não diria «ventas», nem «mangericos». Além disso o sr. Mendes era chefe de família e chefe de nem «mangericos». Além disso, o sr. Mendes era chefe de família e uma pessoa que oferecia todas as garantias. Ocioso quasi se torna dizer que nunca fôra preso — nem mesmo em rapaz, pelo Entrudo. E seria até inconveniente perguntar-lhe se tinha respondido em qualquer processo. Cadastro policial e judiciário, portanto, impecavelmente limpos. Há ainda certos pormenores complementares.

MAXIMAS

- Reunir os homens não é o melhor meio para os unir — DE BONALDI.
- Os ideais são como as estrelas: nunca as alcançamos, mas guiamos-nos por elas como os marinheiros — CARL SCHURZ.
- Se intolerante se crês possuir a verdade absoluta, mas se realmente crês possuir a verdade absoluta és um imbecil. — R. GUYON.
- A crítica é o imposto que o homem paga ao publico pelo facto de ser inteligente. — JONA THAM SWIFT.
- Se mudassem o nome à tartaruga ficaria menos feia — M. OBLIGA DE GONNELLA.

Ela fornecia-se da mercearia da esquina, grande estabelecimento, muito afreguesado, de sortido rico, onde há de tudo, mesmo nos tempos que correm, porque, se é certo que os géneros vulgares escasseiam para todos e necessitam ser escrupulosamente racionados, nessas grandes casas, tal como nas farmácias, há as especialidades farmacêuticas, assim ali existem a perdiz em conserva, o salmão em lata, a boa bolacha americana, e outras preciosidades alimentares e ruínas. A firma deste estabelecimento a que me refiro é sobejamente conhecida e bastará enunciar-la para se avaliar da sua importância. É o Carvalho e Gerales, chá e café. Pois o sr. Mendes, comprava, com frequência, das referidas especialidades — os doces de Alcobaça, oatum Tenório, a lagosta, os figos do Algarve com amendoa e os pacotes de «tosta holandesa». Dize-me o que comes, dir-te-ei quem és. O sr. Mendes era uma pessoa

(Cont. na 9.ª pag.)



«Idolatria»

de ARMINDA FORTES

Arminda Fortes faz passar a sua beleza pelas páginas de Idolatria. Um romance feminino? Evidentemente! Subtil de psicologia, a sentir-se nele o ardor da paixão.

Mas as mulheres gostariam de ser assim amadas? Idolatria parece prová-lo. Quarenta e cinco anos depois do século XX, materialista, confuso, despersivo, cinice e anti-romântico, este livro é uma confissão sentimental. Tudo mudou, e o coração também, mas muito pouco. Idolatria caracteriza-se por um estilo eterno — o do amor. Arminda Fortes, com a sua pena coroada de rosas, parece sorrir e vencer.

OS NOSSOS CONTOS

Caprichos de amor

por Pedro Moreira

Mal rompe a manhã, toda a gente se movimenta no «Monte» da vasta herdade alentejana e assim que chega o inverno surgem, aos bandos, galinhas e almocroves embuçados em capotes de burel, carapuça enterrada até às orelhas, preparados de botas cardadas e aceifões para resistirem aos rigores do frio.

Uma vez feita a «matadela de bicho», toca a engolir rapidamente a açorda ou as migas, para se pôrem a caminho da sua árdua labuta de revolver e amassar a terra que há-de multiplicar a semente lançada e mais tarde ser colhida em fruto sazonado.

Vaqueiros e pastores, vestidos de peles, de aguilhada ou cajado ao ombro, soltam os rebanhos dos currais e bardos à ordem dos majordomos, depois de procederem à ordenha, nos «ferrados», que os «ajudados» conduzem para local próprio.

Durante o dia o «Monte» fica quasi deserto e transforma-se num verdadeiro albergue nocturno, agasalhando caminheiros e pedintes que são alimentados na medida do possível. Talvez seja devido às suas condições de vida ou à influência monótona da planície que o alentejano se arrasta, através da faina agrícola, como nos seus cantos dolentes, impregnados de sabor lírico.

O lavrador da Granja mora em Lisboa para mais perto da ciência tratar dos seus padecimentos e da educação dos filhos. O mais velho, educado em Inglaterra, teve de dedicar-se à lavoura devido à doença renitente de seu pai, atacado de reumático ao ponto de não poder mover as pernas como ele próprio dizia, galhofeiramente:

—O que queres tu, meu filho, que eu faça se a direita está em constante desacôrdo com a esquerda? É o meu joelho que me apoquentia.

—Qual dêles o aflige mais?
—Ora, qual há-de ser, senão o mãe inchado...
—Sim, o pai tem razão. O reumatismo é uma doença que parece ter sido inventada para fazer sofrer a humanidade.

Em tais circunstâncias Henrique partiu para o Alentejo disposto a reformar energeticamente hábitos rotineiros, introduzindo na lavoura toda a espécie de máquinas modernas.

Despedira-se assim da vida citadina para se entregar de alma e coração ao trabalho, partindo de Lisboa convencido de que tudo iria mudar completamente, metido num êrmo onde ninguém entenderia a sua linguagem e que só na agricultura poderia encontrar a coragem necessária para ver passar dias, semanas, meses e anos, sem que nada de novo o fizesse vibrar.

A sua chegada causou alvoroço no «Monte», pois todo o pessoal da granja, desde o maltez ao abegão, lhe apresentou as boas vindas e se informou do estado de saúde de seu pai e mais família, encorajando-o na sua tarefa. Além da gente de aparência rude que o rodeou, foi encontrar uma linda rapariga com tipo de cigana, de olhos faiscantes e tentadores. Era a filha do abegão, de nome Susana, que este tinha mandado educar, com sacrifício, na justa aspiração de a tornar feliz.

Decorreram alguns dias sem haver ensejo de chegarem à fala e só quando uma noite se juntaram, num «balho», notou nela qualquer coisa muito diferente das outras moças. Por curiosidade convidou-a a «balhar», apercebendo-se imediatamente que Susana possuía uma certa ilustração que até na cidade era raro encontrar, o que muito lhe agradou ao pensar que a vida ali não seria, afinal, tão aborrecida como a princípio lhe parecera.

Depois de Henrique ter abordado o ensaio dos seus projectos, não esteve com meias medidas:

—Quando você regressou dos estudos muito lhe devia ter custado a habituar-se de novo a esta sensaboria permanente!

—Está redondamente enganado. O bulício da cidade, aquela vida fictícia em que tantos e tantas se pervertem, irritava-me por tal forma

que foi com prazer que voltei a este cantinho. Amo esta quietude, a simplicidade rústica dos humildes, compreendo o gorgoejo das aves, aprecio o sussurro das fontes, a sinfonia do vento e até o som dos guisos completam a orquestra que me dá vida e alegria.

—Tem graça! Como cada alma tem o seu segredo, como os sentimentos divergem e como os gostos variam. Já agora gostava de a ouvir dissertar sobre o amor.

—Oh! o amor é um sujeito que me não é familiar. Conheço-o apenas por tradição; nunca me foi apresentado. Sabe que mais? Vivo alheada de histórias sentimentais e por isso não posso dar-lhe informações seguras.

Henrique e Susana, já relacionados, passaram a avistar-se frequentemente, falando sobre os mais palpitantes assuntos para matarem o tempo.

Ao lusco-fusco atravessam o «Monte» ranchos numerosos de mulheres que regressam da «mondas», com o chale atado à cinta e de lenço amarrado na cabeça, coberta por um grosso chapéu de feltro. Junto ao alpendre uma criança chora pela mãe, tolhida de frio e de fome, enquanto duas velhotas cozem o pão e se aquecem ao calor rubro do forno. Uma delas põe-se a cochichar com a outra e diz-lhe:

—Espreite lá vocemecê à porta, que eu tiro o morrão da candeia.

—Lá estão eles de má catadura. Inda bem não há a su zanga. Ora um, ora outro aparece enxofrado. Aquilo é certo e sabido: dia em que ele vai a alguma fêra ela fica derramada e ele dá por paus e por pedras quando a vê a conversa com um amigo do pai que anda metido em negócio de gado lá prás bandas de Espanha. Eu cá por mim não dou nada pela caçada. O que ele quer é distrair-se.

—Olha o milagre. Então não querem lá vêr, só porque andou nos estudos já lhe apetece ser lavradora! Por isso é que ela anda sempre a pintar a cara. Mais valia que fosse cair a chaminé.

Henrique sentia-se deprimido e, votado cada vez mais aos sonhos doentes que a solidão produz, cogitava na maneira de resolver a sua questão íntima, reagindo contra a sua timidez.

Depois de dar tratos à imaginação ocorreu-lhe a ideia de falar ao abegão para ir com ele vender os borregos à feira de Vila Viçosa, levando Susana na sua companhia. O pai, um tanto surpreendido, não teve outro remédio senão transmitir à filha o desejo do patrão, que esta não satisfez, fingindo-se doente.

Semelhante insucesso ainda mais o enervou e logo que chegou da feira, como represália, decidiu partir para Lisboa sem dizer água-vai. Esta inesperada viagem foi para ela a demonstração evidente do interesse que lhe merecia, esperando com calma o seu regresso e resolvida a defrontar a sua fúria.

O afastamento durou quinze dias e por fim Henrique voltou à herdade mas, em vez de agastado como ela esperava, apareceu radiante, contente e, dando a impressão que a recusa de Susana o não tinha perturbado e que a sua estada em Lisboa fôra motivada por outros amores. E monologava para si:

—Por esta é que tu não esperavas...
—No entanto Susana percebera o truque do seu artificioso engenho e continuou a esgrimir com as suas evasivas.

Eu sei que a amo, murmurou ele, porém não lho disse ainda claramente por me parecer que essas palavras seriam ridículas, mas esta noite não resisto ao impulso de lhe confessar o que sinto. Enraivecido de amor, de angústia e de ciúme, procurou a ocasião de lhe desfechar a queima-roupa a sua proposta de casamento.

Henrique esperou, aterrado, a resposta, perdido no misterio que envolvia aquela alma incompreensível.

Q sim não o pronunciaram os seus lábios, mas ele adivinhou-o no fulgôr que emanava o seu olhar líbico.

CRÍTICA LITERÁRIA

I—O «documento humano» na literatura portuguesa

A literatura portuguesa é talvez das literaturas menos ricas naquilo a que hoje se dá o nome de «documentos humanos». É possível que isso tenha uma explicação. Do ponto de vista psicológico propriamente dito talvez não seja difícil encontrá-la. O «documento humano» pressupõe a existência de um fundo pessoal capaz, só por si, de se afirmar como centro de interesses literários. Intencionalmente alheio à atitude que a literatura requer, o homem que se acha apto a tornar-se centro de experiências humanas susceptíveis de um interesse paralelo ao da verdadeira literatura apenas pode contar consigo mesmo: é de si mesmo, dos seus humores, das suas esperanças, das suas preocupações, das suas lutas, dos seus ideais que ele arrancará a matéria com que se compõem as obras sobre que os leitores se debruçarão interessados. Isto não é fácil entre nós, país onde os homens se têm mostrado pouco significativamente humanos. Mas outro ponto de vista se pode ter ainda em conta. O «documento humano» baseia-se, em grande parte, numa experiência intensa. Regra geral, a ideia de «documento humano» confunde-se com a de vida profunda e aventureira. Alguma razão há para que assim seja. Não vale a pena, de facto, «documentar» casos triviais da existência. E' nos grandes momentos que se colhem as mais fundas e variadas experiências: o «documento humano» é a expressão moderna da lenda heroica antiga.

Que factos, que dramas, que conflitos se dão, em geral, entre nós, susceptíveis de aquecer ao cubro uma obra de confidências viris como o «documento humano» tem de ser? E' durante os períodos mais agitados na vida de qualquer nação que o «documento humano» encontra maior número de cultores. A guerra de 1914 deu ocasião a que um Barbusse ou um Remarque escrevessem romances que mais não são que verdadeiros documentos humanos. São inúmeros os depoimentos pessoais que nos ficaram da época convulsa das nossas Guerras Liberais. Quere isto dizer que a pobreza nacional em obras deste genero se deve ao mesmo tempo à escassa intimidade em que o homem vive consigo mesmo e à ausência quasi total de história dramática. A *quelque chose malheur est bon*, dizem os franceses. E com toda a razão, pois, de facto, a felicidade não tem história, toda a gente o sabe...

Não são emocionantes os documentos que nos legaram os comparsas do cerco do Porto ou da emigração a que muitos deles se viram sujeitos. A preocupação histórica e partidária dominava-os. Quasi todos se empenharam em testemunhar factos colectivos. Já o mesmo não sucede nesse outro período dramático da nossa existência nacional. Refiro-me às trágicas condições em que se realizou durante séculos a viagem entre o nosso continente e os remotos territórios ultramarinos. A *História Trágico-Marítima* é a mais emocionante colecção de «documentos humanos» com que contam as nossas letras. Nesse período, sim, bastava que um homem fôsse à Índia para ter diante de si uma perspectiva dramática incomparável. Os naufragios, as sedes, a fome, a revolta—tudo isso deu para encher algumas das páginas mais «fortes» da nossa literatura documental.

Infelizmente, foi de curta duração a veia que

NOVIDADE LITERÁRIA

“SOLTEIRA E SÓ”

Um romance de JOAQUIM MOTA JUNIOR.

Elegia da vida moderna

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

É uma Edição «ENCICLOPEDIA»

FOGO NO MAR, por JOÃO FALCATO DEIXEM-ME VIVER, por BESSONE BELFORD

nos deu o sangue rico e borbulhante da *História Trágico-Marítima*. Dir-se-á que os portugueses amolecem. Lentamente, foram trocando as duras emoções pelas emoliências dos crepusculos literários. Não mais experiências trágicas fizeram vibrar de comoção a alma dos portugueses. Todos aqueles que passaram inclemências pelas inóspitas terras de além-mar levaram consigo o segredo da sinceridade que puseram na narração desses feitos ainda hoje verdadeiras obras-primas.

Se é certo não mais nos terem sobressaltado impressionantes flagelos, também é verdade que os portugueses parecem esquecidos de como se dá tempera literária às fundas experiências humanas. A retórica classicizante primeiro, depois um romantismo à base de pieguices sentimentais e, finalmente, um realismo fundamentalmente evadido de preconceitos científicos e objectivos, quando não de desbordamentos caricaturais, acabaram por estancar as fontes espontaneas da emoção e da observação, faculdades primárias de qualquer bom «documentista», deixem-me chamar-lhe assim.

II—Nova «História Trágico-Marítima»

Este João Falcato, estudante que resolveu embarcar a bordo de um cargueiro para conhecer as horas aventureiras do viver marítimo, é um caso realmente excepcional na história das nossas letras contemporaneas. Com efeito, João Falcato, 2.º piloto do «Melo», não embarcou para a Argentina como um profissional qualquer. No seu propósito havia uma intenção «literária». E' claro que a tragédia a que iria assistir estava fora do seu programa. Ao tomar lugar em Lisboa a bordo desse navio que se dirigia a Buenos Aires com o intuito de trazer para Lisboa um carregamento de adubos, João Falcato não supunha ir ser comparsa de uma tão espantosa tragédia marítima. As circunstâncias em que na realidade se irá realizar a sua viagem de regresso permitem-nos compará-la com alguns dos mais emocionantes episódios da nossa *História Trágico-Marítima*.

Teria João Falcato começado a apontar as impressões da sua viagem mal largou de Lisboa, ou, pelo contrário, só disso se teria lembrado quando pôs de novo pés em terra firme? E' muito possível que a segunda hipótese seja a mais verosímil. Na verdade, o seu livro *Fogo no Mar* («Novos Prosadores», Coimbra Editora) tem todas as características de uma obra vivida a que uma intenção posterior deu foros de literatura. João Falcato frequentou a Universidade, leu muito, tem os seus conhecimentos filosóficos razoavelmente ordenados. Tudo isto o prepararam não só para ser portador de uma mensagem de um professor da Universidade de Coimbra para um grande mestre universitário argentino, mas também lhe dá a velocidade de escrever algumas páginas sobre ensino e a civilização desse longínquo país. Como qualquer viajante ilustrado, acompanha escrupulosamente os seus passos através da Argentina com cultos comentários à vida, à cultura e à sociedade desse país. Neste ponto, o livro de João Falcato é um roteiro de viagem trivial. Nada o distingue de tantos outros. Acontece, porém, que na viagem de regresso, quando o «Melo» navegava por alturas de Fernando de Noronha, no cáldio silêncio de uma noite equatorial, se ouve a bordo uma espantosa explosão. Em poucos minutos, o navio é um brasileiro ardente. Eis chegado o momento de João Falcato converter o seu livro de viagem num desses «documentos humanos» como só outrora era possível encontrar nas nossas letras. Efectivamente, João Falcato põe-se a descrever minuciosamente tudo quanto se passa a bordo. Não era preciso grande talento de escritor para empolgar o leitor na descrição do que se passa naquele barco transformado subitamente

numa grelha torrida. Sem governo, com as caldeiras a todo o vapor, o «Melo» largando na noite tenebrosa o penacho das suas labaredas, era, só por si, um espectáculo tão extraordinário que a mais pobre das penas vibraria descrevendo-o.

João Falcato, que tudo viu, tudo observou, tudo sofreu, e foi dos poucos tripulantes que se salvaram, teve, de facto, oportunidade de pintar um quadro literário de uma grandeza que só tem par em algumas das narrações da *História Trágico-Marítima*. E' certo faltar-lhe a sobriedade de algumas dessas narrações. Há nela um fundozinho «literário» que prejudica de certo modo a sua gravidade espontanea. Mas, ainda assim, o leitor é dominado. O espectáculo é tal que a própria prosa do escritor se apaga perante o prestigio das cenas que descreve. Aquêles homens que ardem como bonecos de trapo, deixando os pedaços da carne dos seus membros colados às escadas de bordo, ficam diante dos nossos olhos como uma alicenação espantada. Toda a afectação literária que antes dominava o estilo de João Falcato desaparece. Sobriamente, e-lo descrevendo os derradeiros momentos daquele nucleo de homens que se recolhem a uma baleeira para morrer. E' certo que a prosa não é pessoal nem elegante. Para quê? Não é preciso. A prosa de João Falcato é a «realidade» que alastra pelas páginas do seu livro. Sem elegancia de dicção, nem cuidados estilísticos, arrebatou o leitor, comunicando-lhe uma sensação de vida que raros romances portugueses alcançam. A força do tema, a violência do drama, a brutalidade da situação não permitem que nos demos conta da pobreza do estilo.

Fogo no Mar é um documento preciosíssimo. Perante êle, sentimos que talvez nos faça mais falta uma experiência rica, embora dolorosa, da vida, que a posse de uma técnica segura e de um estilo pessoal. *Fogo no Mar*, com todos os seus defeitos de composição, todas as suas insignificancias de estilo e todas as suas vulgaridades de locução, é uma obra que se lê dum fôlego. Reportagem de um momento excepcional, este «documento humano» fala por si. *Fogo no Mar* dir-se-á um episódio póstumo da *História Trágico-Marítima*.

III—Um romance por escrever

O contraste entre uma obra como esta a que acabamos de nos referir e um romance como *Deixem-me viver!*... de Bessone Belford, (*Vida Mundial Editora*), é flagrante. Na primeira, a força do caso vivido domina as deficiências da composição literária; no segundo, não obstante as boas intenções literárias do autor, a insignificancia do conflito inutiliza os es-

3 *Eça de Queiroz*, visto por quem o conheceu. Prefácio e coordenação de Castelo Branco Chaves. Este lucido critico reuniu, criteriosamente, varios depoimentos de contemporaneos do grande romancista, reconstituindo os varios aspectos psicologicos da figura. Edição de Testemunho Especial.

4 Outro livro queiroziano: *A Mascara de Eça*, de Vieira de Almeida. A obra estava marcada no fisico do autor? De facto, o perfil agudo, cortante de Eça, como que afirma uma tendencia nata para a observação e a ironia. Edições Romero.

5 *Miranda do Douro*, uma excelente monografia, artisticamente apresentada, da caracteristica terra nortenha, de nobres pergaminhos historicos e famosa pelo dialecto. Edição do S. P. N.

forços do autor para fazer dele um romance suportável. São dignos de consideração a persistência e o zelo com que Bessone Belford se consagra à tarefa de romancista. Não nos é fácil dizer se isto exprime algo de profundo na manifestação incipiente de uma vocação incontestável ainda em estado latente. E' possível que sim. Também é possível que não. A «moda» do romance generalizou-se, e há hoje muitos jovens que se consagram a compôr o seu conflitozinho romanesco com a mesma puerilidade com que outrora contavam pelos dedos as sílabas de soneto de amor. A verdade, porém, é que Bessone Belford, moço ainda, já escreveu dois romances, e, não obstante a severidade com que eu aqui mesmo castiguei a sua estreia, simplesmente, sem desforços pessoais, não duvidou mandar-nos a sua segunda tentativa no genero. Isto alguma coisa significa, no meio da prosápia arrogante com que é costume certos literatelhos de ocasião encararem a critica que atentamente solicitam...

Deixem-me viver!... pretende, puerilmente, ser um romance de geração. O problema em que se debatem em Portugal os moços que procuram tornar-se independentes transparece, realmente, no caso do protagonista do romance de Bessone Belford. Quão longe fica, porém, tal problema de uma exposição dramática e convincente na forma como o romancista de *Deixem-me viver!*... o apresenta! Aliás, podia a tese não ter sido devidamente desenvolvida e haver no romance outros predicados que o impusessem como obra de imaginação. Infelizmente, assim não é. Bessone Belford, que pretendeu mostrar a formação psicológica e moral do seu António Carlos através de uma espécie de diário, sacrificou as notas vivas e profundas a uma espécie de notação taquigráfica dos episódios mais superficialmente significativos da vida de um rapaz. Um dos maiores defeitos deste romance—dêste e de muitos outros que hoje se escrevem—é não estar escrito de facto. Como esquema de intriga a desenvolver num romance morosamente meditado e cuidadosamente escrito era possível encerrar com benevolência *Deixem-me viver!*... Mas Bessone Belford apresenta-nos o seu «esboço», o seu «apontamento», o seu «esquema», como um romance elaborado. Eis o seu erro. Não devemos esquecer que o romance é uma obra de arte, e a obra de arte, quando não consegue realizar-se graças a uma força impetuosa da vida que vem do próprio artista, da sua elaboração se alimenta. O estilo, a composição, a observação, a análise dos caracteres—tudo isso que constitui a «estética» do romance tem de ser respeitado e cultivado com amor e talento. Num livro como *Fogo no mar*, de João Falcato, todas estas coisas se dispensam: estamos em face de uma reportagem. O caso real domina a sua elaboração estética. Não assim num romance como *Deixem-me viver!*... Aqui há necessidade de arrancar do tema, num caso imaginado sem prestigio humano nem potencia intelectual, as virtualidades que a arte sabe extrair da imaginação quando é um artista quem a utiliza. Bessone Belford confiou demais no seu tema: supôs que êle bastaria para empolgar o leitor. Erro nefasto. O seu tema, banalissimo e si, deixa o leitor completamente indiferente. Desamparado por êle, só no estilo, na composição e nos outros predicados característicos de uma obra de arte como romance êle se poderia apoiar. Mas tais predicados não estão no romance de Bessone Belford. E' preciso que este jovem romancista atreva caminho. Experimente escrever um romance. E' possível que então se revele romancista. Por ora, caminha às cegas, tateando.

JOÃO GASPAR SIMÕES

ACABA DE APARECER O 1.º VOLUME DO LIVRO TÃO ANSIOSAMENTE ESPERADO:

«CINQUANTE ANS DE SOUVENIRS»

Pelo Barão Henri de Rothchild (André Pascal)
com prefácio do Dr. Augusto de Castro

CAPÍTULOS: I—Son Altesse Sérénissime le Prince Albert 1.º de Monaco II—S. M. Dom Carlos Roi de Portugal; III—S. M. Guillaume II, Empereur d'Allemagne; IV—Alphonse XIII Roi d'Espagne; V—S. M. Cristian X, Roi de Danemark; VI—S. M. Haile Selassie 1.º, Empereur d'Éthiopie; VII—Un grand journaliste: Arthur Meyer; VIII—Georges de Porto-Riche; IX—André Citroën; X—Édouard Rahir; XI—Pierre Wolff; XII—Deux antiquaires du temps jadis: Jacques et Arnold Séligman; XIII—Nelly Melba; XIV—Sarah Bernhardt; XV—Raoul Gunzbourg

Preço do 1.º volume, formato 26X15, com 300 pags., Esc. 50\$00

à venda nas livrarias—Envia-se á cobrança

Deposítaria: LIVRARIA TAVARES MARTINS—Clérigos, 12—PORTO

Edições PRO DOMO

Amanhã é pôsto à venda:

O ESCÂNDALO DO ESPÍRITO

PREÇO: 8\$00

de ANTERO DE FIGUEIREDO

No sábado é distribuído

O 1.º FASCÍCULO DA OBRA:

O CARDEAL CEREJEIRA

por MOREIRA DAS NEVES

Pedidos à EMPRESA EDITORA PRO DOMO, Ld.ª

RUA DA ATALAIA, 18, 1.º ESQ.—LISBOA

ECOS

No jornal «La Croix» lê-se o seguinte:

—O que mais nos impressiona, nos discursos do general De Gaulle, é a altura das suas vistas—altura que nos permite ver longe.

De Gaulle não cultivava a eloquência nem os efeitos da palavra que arrebatava as multidões. Serenamente, discorrendo com clareza e elevação, defende a França, colocando-a no seu verdadeiro papel de grande potência com direitos iguais, inalienáveis, aos dos que lutaram contra a Alemanha. Firme, coerente, imperturbável, não deixa escapar uma oportunidade que não a aproveite logo para sustentar a sua doutrina:

—«França indestrutível no seu território e eterna na sua glória».

A pouco e pouco, sem um desfalecimento, vai reduzindo obstáculos e oposições, destruindo prevenções, de modo que complete como político a sua obra de militar que, numa hora de alta clarividência, percebeu que o colapso da França era simplesmente uma vaga sonolência, uma breve queda no erro e nos enganos dos homens.

Churchill prestou ontem homenagem ao rei e à rainha da Inglaterra que, durante a guerra, cumpriram modeladamente o seu dever, tornando-se a voz, a consciência e a síntese do Império.

Os ingleses vêem na monarquia uma dignidade e um penhor de segurança e grandeza.

A liberdade, entre eles, está em toda a parte e é ela que cinje na mesma concórdia o povo e a coroa. Não se hostilizam, mas fortalecem-se ambos com o amor da pátria.

Pode o rei desconfiar do povo?

Impossível, visto que o rei não se afasta do seu papel de reinante, sendo depositário fiel da vontade do povo. E' por isto que a Inglaterra é uma democracia e ainda não reconheceu a necessidade de proclamar a República.

Lisboa não é só dos lisboetas, mas do país. O sangue das nossas províncias palpita nela como renovador e sustentador do seu primado e do seu orgulho. Não é o facto exclusivo de se ter nascido em Lisboa que faz o lisboeta, mas sobretudo a satisfação, o amor e o desejo de a ver progredir, modernizando-se.

Um grande escritor, um artista, um mestre, um homem de iniciativa e acção, qualquer que seja o ramo da sua actividade, estão dentro de Lisboa como um órgão na sua função.

Haverá quem os acuse de ignorantes, na compreensão do que valem as pedras e monumentos da nossa capital?

Parece-nos que não, desde que lhe votem carinho e se esforcem, não para desfigurá-la, mas por embelezá-la. Muito importa, pois, que Lisboa, imagem e símbolo de Portugal, não seja simplesmente para os arqueólogos, visto que pertence a todos que, pelo trabalho, pelo pensamento e pelo gesto de criar e engrandecer, a transformem, não para lhe imprimirem o carácter de «cidade tentacular», antes com o instinto de a fazerem franco lar hospitaleiro.

Está convocada para o dia 18 de maio, pelas 18 horas, a assembleia extraordinária da Sociedade de Geografia, a fim de conferir o título e cargo de secretário perpetuo ao secretário geral da Sociedade.

EXÉRCITO E MARINHA

Comando do aviso «João de Lisboa»

Com o cerimonial da praxe, assumiu hoje o comando do aviso de 2.ª classe «João de Lisboa», surto no Tejo, o sr. capitão de fragata Camacho de Freitas, funções que lhe foram entregues pelo oficial da mesma patente sr. Celestino da Silva. Os dois oficiais fizeram, depois, a sua visita de cumprimentos ao sr. ministro da Marinha e apresentaram-se aos almirantes e ao comodoro da Força Naval da Metrópole.

A Simpatia É O Iman Da Vida

Seja simpático. Ofereça prendas da Grande Ourivesaria da Moda 257. Rua da Prata (Esq. de Santa Justa).

O empate do Belenenses

com o Real Madrid
e a afirmação do futebol português

MADRID, 16. (Pelo telefone)—Os portugueses já podem jogar futebol em Espanha sem o risco de amesquinhar a nossa bandeira, ou o ridículo de receberem apenas louvores de cortezia pelo «seu jogo feito». Este encontro de Chamartin constituiu disso prova claríssima. Foi transparente a boa qualidade do futebol produzido nesta tarde de Santo Izidro na luta entre o Real Madrid, 2.º classificado no campeonato, e o Belenenses, grupo de primeira linha portuguesa, mas que por circunstâncias várias não possuiu título de campeão.

O clube de Belem não foi inferior ao Real Madrid. E atrevo-me a pensar que no conjunto foi talvez superior.

No primeiro tempo—o quarto de hora inicial deu os portugueses ao ataque mas sem domínio; no segundo quarto de hora foram os madrilenos que tomaram franca ofensiva, e foi este o melhor período de jogo; no final estabeleceu-se equilíbrio.

No segundo tempo tudo mudou, como nas mágicas. As vantagens foram todas do lado

Uma reviravolta

dos visitantes, com superioridade de jogo quer em domínio, quer, independentemente dele, em orientação e em consciência de conjunto.

E porque esta reviravolta?

E' que no primeiro tempo, a despeito do

EM 3 LINHAS

O sr. eng. José Frederico Ulrich, subsecretário das Obras Públicas, parte no dia 22, pelo «Clipper», para os Açores, onde vai numa visita oficial.

///

O Conselho de ministros deliberou autorizar o ministro das Colónias a tomar as providências de carácter legislativo e executivo que entender necessárias em relação a colónia diferente daquela em que se encontrar, no decorrer da sua próxima viagem às colónias de África.

///

A Empresa Editora «Pro Domo», cujo capital era de 10 contos, reforçou-o com mais 30, cota do sr. dr. Afonso Lucas.

///

Um concurso para professor técnico da Escola Agrícola da Paiz, destinado a engenheiros agrónomos ou silvicultores, ficou deserto, e vai agora repetir-se.

///

Foi muito bem recebida a sugestão ontem feita pelo dr. Manuel Ribeiro Ferreira para que a nova linha de caminho de ferro Santarém-Rio Maior seja prolongada às Caldas e a Peniche.

///

Na significativa manifestação de ontem ao professor dr. Moses Amzalak, a nota impressionante foi dada pelos seus antigos alunos, muitos dos quais já são hoje professores.

///

O nosso colaborador e distinto técnico e crítico desportivo sr. António Ribeiro dos Reis, foi promovido, na «Ordem do Exército», distribuída hoje, ao posto de major.

Nasceu na Suíça um filho de D. Duarte Nuno

Por notícias recebidas hoje, em Lisboa, sabe-se que nasceu ontem, em Luten, na Suíça, onde se encontram seus pais, o sr. D. Duarte Nuno e D. Maria Francisca de Orleans e Bragança, uma criança do sexo masculino.

O novo príncipe, que—segundo nos informam, goza de esplendida saúde—virá a chamar-se Duarte. Seus pais casaram em 15 de outubro de 1942, em Petropolis, no Brasil, e chegaram a Lisboa no dia 30, a bordo de um «Clipper», de passagem para Espanha, para onde seguiram no dia 1 de novembro, de automóvel. Só mais tarde se dirigiram à Suíça.

O recém-nascido é neto, por linha paterna, de D. Miguel II e, por consequência, bisneto de D. Miguel I, que foi rei de Portugal, e trineto de D. João VI. Por linha materna é neto do príncipe D. Pedro de Alcântara de Orleans e Bragança e de D. Isabel Adelaide, condessa de Dobrzensky, princesa imperial do Brasil, bisneto de Luiz Filipe, príncipe de Orleans e conde de Eu, e de D. Isabel de Bragança, trineto de D. Pedro II do Brasil, quarto neto de D. Pedro IV, de Portugal, e quinto neto de D. João VI.

As crianças que nasceram nas maternidades de Lisboa no mesmo dia que o príncipe, filho de D. Duarte Nuno, são contempladas—conforme ontem dissemos por informação—com 50\$00 e uma lembrança de um chale branco de lã.

equilíbrio técnico e territorial, a que dois goals sofridos não correspondiam com justiça, houve uma certa entrega ao destino, que não desanimou.

Capela, o guarda-redes de Belem, pela sua inexperiencia foi batido em má saída, aos 23 minutos, não interceptando uma bola alta, e dando assim aso a uma passagem de Barrinaga, avançado centro, para Vidal, e que este pôde rematar, dada a falta do guarda-redes português. Capela encheu-se de nervos e de uma especie de timidez ou de desorientação, e esse estado de espirito explica o lance que se seguiu, a cinco minutos, e que deu novo goal: Borbolla, interior esquerdo, rematou com força, Capela apanhou mas não segurou a bola que saltou á trave, para reentrar no terreno, onde Alsua, com Capela descontrolado, a capotou e enfiou. Devido a estes precalços, e á timidez de Armando, avançado centro de fraco jogo, quasi inexistente na linha—os 2-0 estão explicados.

Dois «goals» de boa marca

No segundo tempo o Belenenses entrou em campo num outro estado de espirito, retemperado já moralmente, o guarda-redes, e feita uma substituição que inteiramente se justificou: Armando saiu, e para avançado centro passou Quaresma, que servia na meia direita, entrando para este lugar Eloi. O team, que estava inferiorizado no «score» merecido—rejuvenesceu. Então deu gosto ver o nosso futebol. A par do jogo-filigrana que o Belenenses usa quando está em jeito, desnoriente pela sua preparação e por vezes improvisos de habilidade—houve eficiencia, concretizada em dois «goals» de Mario Coelho, extremo direito, fulminantes, o primeiro aos 11 minutos da passagem de Eloi, o segundo aos 41 minutos, recolhendo com visão uma perpendicular de Quaresma.

Durante o segundo tempo, mercê da reviravolta, os lisboetas foram mais team que os madrilenos, perdendo mesmo algumas oportunidades, o que, aliás, também sucedeu ao Real Madrid, que acabou com um homem a menos na linha.

Podíamos, pelo que fica dito, ter ganho; mas, independentemente do resultado, o jogo lisboeta convenceu. E' certo que não se tratava para o Real Madrid de um jogo de competição, «em furia»; mas é preciso não esquecer que quatro jogadores portugueses internacionais em campo, não permitiam aos nossos grandes atrevidos, sempre contingentes.

O processo e os jogadores

As características em Chamartin foram as mesmas assinaladas no Estádio de Riazor, na Corunha: os espanhóis fantásticos no jogo por alto, na rapidez do lance e no desembaraço dos remates; os portugueses brilhando no plano geral do jogo, na concepção do lance, e no desenho fino das jogadas, superiorizando-se com a bola rasteira. Os madrilenos procuravam jogo rectilíneo em profundidade; os portugueses utilizaram passes de bom association, fazendo jogo agradável, mas talvez menos rápidos pela preocupação de jogar «em a bola». E jogaram a honrar-se.

Quero dar um pequeno resumo da actualiação dos valorosos rapazes de Belem. Capela, apesar dos nervos e de alguns erros, esteve bem, na segunda parte, sobretudo; foi um baptismo internacional. Vasco, defesa direita sempre acertado, mas Feliciano superior; a congregação entre os dois defesas não foi perfeita.

Na linha media Amaro e Serafim, distinguiram-se, e por vezes a grande altura, e Gomes satisfaz. Rafael, a extremo esquerdo, cumpriu discretamente; José Pedro e Eloi, este só no 2.º tempo, foram dois artistas da bola; Armando já dissemos, deu fraco rendimento, apagando-se. Mario Coelho distinguuiu-se, rematando como se deve fazer—«por naturais», como se dirá em tauromaquia—e marcou os dois «goals». Quaresma foi o melhor avançado, o melhor português e o melhor dos 22 em campo. Está em grande forma.

Dos madrilenos distinguiram-se o guarda-redes Bañon, ao qual se deve talvez a conta não passar do empate, o medio centro internacional Epina, e o extremo esquerdo Vidal. Não jogou o famoso Herrerra, de Oviedo, por doença.

Ramon Melcon fez uma arbitragem seria e ponderada.

O desafio, que começou ás 19 horas, terminou, debaixo de chuva, já começava a escurecer. O vento prejudicou por vezes o jogo a ambas as «equipes». Publico correcto.

TAVARES DA SILVA

MÓVEIS-ESTOFOS

Bons modelos
Bons estofos
Grande Variedade
Preços de fabricante

R. DO MUNDO, 111-113

A Assembleia

Nacional
e as manifestações
do próximo sábado

(Continuação da 1.ª pag)

defesa dos superiores interesses do País. E trata-se, também, de reafirmar, perante o Mundo, a integra certeza da unidade nacional—que permitiu aos nossos governantes proceder com tanta segurança e tão clara autoridade moral durante a guerra na Europa e lhes permitirá, no futuro, através de quaisquer vicissitudes e contingencias, prosseguir, na honra e na dignidade, a mesma politica de inquebrantável defesa e prestigio de Portugal!.

O dia próximo de sábado, 19, foi o escolhido para a manifestação.

Às 11 e 30 em Belem será prestada homenagem ao sr. Presidente da Republica, na qual tomarão parte delegações de todos os distritos do país, que se deslocarão a Lisboa com elevado numero de componentes.

Às 19 horas, na Praça do Comércio, a homenagem desloca-se para o sr. dr. Oliveira Salazar, a cuja obra na Presidência do Conselho e na direcção da pasta dos Negócios Estrangeiros a Nação quer mostrar a sua gratidão. Será lida pelo sr. Francisco de Melo Machado, presidente da Associação Central de Agricultura, uma expressiva mensagem, á qual não deixará de responder o sr. Presidente do Conselho.

Na Assembleia Nacional

Antes da ordem do dia da Assembleia Nacional constituída por uma sessão de estudo da proposta de lei de coordenação dos transportes terrestres o deputado sr. dr. Acácio Mendes de Magalhães Ramalho referiu-se á anunciada manifestação aos chefes responsáveis pelos destinos do país, recordando as palavras recentes do sr. dr. Oliveira Salazar acerca da vitória das Nações Unidas e rendendo homenagem á nossa velha aliada aos Estados Unidos e ao Brasil.

Fazendo votos pela efficácia da organização da paz, o orador disse que nesta hora bem merece todas as homenagens quem, como hábil timoneiro prudente e enérgico, soube conduzir a nação á porto de salvamento, através dum mar revoltoso, cheio de escolhos internacionais. Vai o país pagar uma dívida de gratidão, concluiu o sr. dr. Magalhães Ramalho, que afirmou interpretar os sentimentos da Assembleia Nacional, na homenagem a Camões e Salazar.

Às palavras do orador associaram-se os deputados ares. Linhares de Lima e Albino dos Reis.

O TEMPO QUE FAZ

Tempo provavel amanhã, em Portugal, segundo a previsão do Serviço Meteorológico do Exército:

Vento dos quadrantes de W moderado. Nevoeiro sobre o litoral ocidental acompanhado mais tarde de chuvisco junto á costa das regiões Norte e Centro. Subida de temperatura.

Temperaturas extremas em Lisboa hoje, até ás 16 horas, segundo o registo do Observatório Infante D. Luiz: maxima, 20º,8; minima, 14º,0. No mesmo dia do ano passado: maxima, 24º,3; minima, 13º,1.

Se passar por Samora Correia
VISITE A PENSÃO NAZARENO

UM LIVRO QUE TODOS

PELO GRANDE ESCRITOR AMERICANO

JONH ST O MILAGRE DE

E' A PRIMEIRA OBRA QUE DÁ EM PORTO
E' UM LIVRO SENSACIONAL QUE SE

1 VOLUME COM 376

Edição da LIVRARIA PACHECO
Pedidos á EDITORIAL ORGANIZAÇÃO

A questão de Trieste vista pelos jugoslávios

ROMA, 16.—(Do correspondente especial da Reuter, Hubert Harrison).—O ponto de vista jugoslavo sobre a ocupação de Trieste pelo marechal Tito é que, uma vez que o 4.º Exército jugoslavo conseguiu, por um esforço sobrehumano e por uma estratégia brilhante, libertar os territórios a leste do Isonzo e Trieste (menos duas bolsas em que os alemães se renderam depois aos neo-zelandeses), tinha todo o direito de ocupar os territórios que libertaram.

Esse direito jugoslavo é fortalecido ainda pelo facto de a população nos territórios a leste do Isonzo ser predominantemente eslava e de pertencerem à Jugoslávia em 1918, segundo a linha Wilson, baseada na distribuição étnica da população, linha que foi aceite como fronteira italo-jugoslava. A libertação desses territórios foi uma expressão dos fins da guerra da luta contra italianos e alemães por parte da Jugoslávia, declara-se.

Quanto ao acordo final da fronteira jugoslava, diz-se que os jugoslavos estão perfeitamente preparados para discutir a questão na Conferência da Paz, mas não desejam, entretanto, que a população da Istria fique por mais tempo sujeita ao domínio dos italianos, que a trataram tão mal durante os períodos de guerra e entre eles. Os jugoslavos acrescentam ainda que o avanço contínuo das forças anglo-americanas, depois de terem estabelecido contacto com o exército jugoslavo, em Monfalcone, foi uma invasão desnecessária do seu território e essa presença das tropas anglo-americanas significa um descrédito para com um aliado, cujos feitos nos últimos 3 anos e meio foram do maior valor.—(R.).

As ultimas operações na Jugoslávia

LONDRES, 16.—A emissora jugoslava difundiu hoje um comunicado do Q. G. do marechal Tito a anunciar que as tropas jugoslavas liquidaram as ultimas forças inimigas que ofereciam resistência organizada na região do curso superior do Drava e fizeram 20.000 prisioneiros «ustachis» e «chetniks», incluindo alguns conhecidos criminosos de guerra. O ultimo exército alemão dos Balcãs, sob o comando do marechal Lochr, rendeu-se. Fizeram-se 10.000 prisioneiros. Foram mortos 5.000 oficiais e soldados alemães, tendo sido libertados 8.000 civis. Em outras regiões do país foram feitos mais 15.000 prisioneiros alemães e «ustachis».—(R.).

CAIRAM TRÊS HOMENS de um 5.º andar

Esta tarde quando os pedreiros Carlos Luiz Marujo, de 23 anos, travessa Marquês Sá da Ladeira, 9-2.º, João Rodrigues, rua Sá da Bandeira, 105, rés-do-chão, e Manuel Pereira, rua Gervasio Lobato, 28, trabalhavam no quinto andar dum prédio da rua Rodrigo da Fonseca, a prancha onde se encontravam despregou-se e os pobres homens vieram estatelar-se no solo. O primeiro e terceiro ficaram muito feridos na cabeça e o segundo sofreu fractura da coluna. Devido à gravidade do seu estado, ficaram internados no Banco do hospital de S. José.

VAO LER!

EINBECK
S. FRANCISCO

QUELE ESCRITOR SE TRADUZ

GAL

ESGOTARA EM POUCAS SEMANAS

PAGINAS — 20\$00

RUA DA MISERICORDIA, 79

L. Trindade Coelho, 9, 2.º—Lisboa

Os prisioneiros de Dachau vão ser repatriados depois de um período de quarentena

(Continuação da 1.ª pag.)

Uma organização secreta, o Comité Internacional, sabotou a partida dos restantes, fazendo estalar uma insurreição no campo e impediu assim que os prisioneiros que ficaram tivessem a mesma sorte daqueles que foram transferidos. Três perderam a vida nesta aventura, mas salvaram as dos seus companheiros de infortunio. Uma transferência de campo era a morte para muitos deles, que não tinham forças para empreender a viagem e muito menos nas circunstâncias horríveis em que o faziam. Empilhavam-nos em vagões sem ar e sem luz. Não lhes davam de comer nem de beber durante dias e dias. Eram poucos aqueles que resistiam. Quando a jornada era feita a pé, a maior parte deles ficava também pelo caminho, dizimada pela fome e pelo cansaço ou abatida pelos guardas, como cães.

Estamos a reproduzir depoimentos recolhidos directamente de prisioneiros que tomaram parte nessas levadas de escravos: médicos, advogados, sacerdotes ou jornalistas, portanto, pessoas cultas que não deturpam os factos por ignorância, por exagero ou por maldade.

A actividade secreta dos prisioneiros

Isolados do Mundo, os prisioneiros de Dachau não deixavam, no entanto, de saber as notícias, de acompanhar a marcha da guerra. O «Comité» Internacional, do qual faziam parte guardas, empregados da administração, membros da «Volkssturm» e prisioneiros, estavam ao corrente de tudo quanto se passava. As notícias eram recolhidas em aparelhos de rádio secretos e circulavam no campo com uma rapidez fantástica. Tudo isto se fazia com perigo da própria vida. Mas de que servia a vida naquêla «in pace» de dor e de miséria, naquêla inferno de desespero e de sofrimento?

Os exércitos aliados avançavam através da Baviera. No dia 27 souberam que a Alemanha estava derrotada. O dia da libertação aproximava-se. Na noite de 28, dirigentes alemães abandonaram o campo. Corre entre os prisioneiros a versão de que o coronel Weiss se recusou a cumprir a ordem terminante de evacuação recebida. A ultima hora, mandou izar uma bandeira branca e retirou-se para o Tirol com os guardas das SS.

Entretanto, Munich caía. A Alemanha perdera a guerra. No dia seguinte foi a libertação. Eles nem queriam acreditar. Julgavam que era um sonho. Nos ultimos tempos, o drama de Dachau foi a aglomeração de prisioneiros que vinham de outros campos, à medida que os Aliados avançavam e as tropas alemãs eram obrigadas a abandonar terreno. Só de Buchenwald vieram para aqui cinco mil num dia. 2.700 ficaram pelo caminho. De Flossenburgo saíram sete mil e não chegaram a Dachau mais de dois mil. Em seis dias, entraram no campo dez mil homens. Alguns vinham atacados de tifo. Não houve o cuidado de os isolar e contaminaram os outros. Ainda hoje há quinhentos casos de tifo exantemático e quatro mil doentes nas enfermarias de Dachau. Doze a quinze mil foram dizimados pela epidemia!

O problema da alimentação era atroz. A comida era má e as rações insuficientes. De manhã, um «ersatz» de café; ao almoço, um litro de sopa que era só agua e, ao jantar, vinte gramas de salsicha. Cada prisioneiro recebia, por dia, 180 gramas de pão negro intragável. Aqueles que tinham a sorte de se empregar nos comandos ou brigadas de trabalho recebiam 50 gramas de gordura e algumas fatias adicionais de pão e de salsicha. Todos tinham, duas vezes por semana, vinte gramas de margarina. Aqueles que não morriam de doença ou de maus tratamentos morriam de fome.

Havia ainda a Camara de Gás, a camara de extermínio. Centenas e cen-

tenas de prisioneiros acabaram os seus dias na Camara de Gás.

A porta da camara fechava-se hermeticamente e um orifício aberto na parede deixava ver o que se passava lá dentro. Não era certamente para ver os prisioneiros tomar ducho que esse orifício tinha sido aberto.

Vimos o forno crematório, onde se encontravam ainda mais de dois mil cadáveres quando os americanos chegaram. Os alemães já não os puderam queimar, por não terem tempo nem gasolina. E vimos que centenas de cadáveres nus se empilhavam uns em cima dos outros, a granel, em posições macabras, infernalmente impressionantes. Eram cerca de quatrocentos, ao todo, que iam ser conduzidos para fora do campo, a fim de serem enterrados.

A dois passos dos jardins...

O ar estava impregnado dum cheiro nauseabundo. Na vespera, tinham saído duzentos, que os americanos fizeram conduzir através de Dachau, para que a população visse o horror das atrocidades que ali se cometeram, a dois passos dos jardins, onde brincavam os seus filhos. Todos esses cadáveres faziam parte dos dois mil que os americanos encontraram no forno crematório e que foram retirados de lá por brigadas de trabalhadores alemães, munidos de grandes luvas e de compridos croques. Espectáculo macabro inesquecível!

Nos ultimos três meses, morreram onze mil prisioneiros em Dachau. Hoje, morrem ainda 125 por dia. Mas as vagas eram rapidamente preenchidas pelas levadas de prisioneiros que estavam constantemente a chegar, vindos de outros campos.

Os americanos têm feito tudo o que lhes é possível para minorar a sorte destes desgraçados e salvar os que ainda não estiverem irremediavelmente perdidos. Dão-lhes de comer com cautela, porque já se verificaram alguns casos de morte por indigestão ou perturbações causadas pela alimentação abundante em organismos de pauperados.

Para evitar que a epidemia se espalhe pela Europa, e dê origem a uma catástrofe de grandes proporções, foi ordenada uma quarentena rigorosa, que terminará no próximo dia 20 de maio. Em seguida, os prisioneiros serão repatriados.

Alguns não têm notícias das famílias há muito tempo. Julgam-nos mortos. Mortos que vão ressuscitar e aparecer um dia em casa como fantasmas vindos de outro mundo, de um mundo onde sofreram o que ninguém já mais sofreu em vida. E mesmo no inferno talvez seja melhor. Muitos dos carcereiros destes infelizes já nos poderiam dar notícias de lá, se houvesse comunicações regulares com o outro mundo...—N. L.

Está em Lisboa o governador geral do Congo Belga

Após curta estadia em Bruxelas chegou hoje a Lisboa, no avião «Sabena», do serviço de Londres, o sr. Pierre Ryckmans, governador geral do Congo Belga que vai retomar o seu posto em Leopoldville.

O sr. Pierre Ryckmans, que no aeroporto da Portela de Sacavem era esperado por representantes do ministro das Colónias e da legação da Bélgica, foi, quando da Grande Guerra, combatente nas campanhas de Africa, estabelecendo então residência no Congo, onde ocupou várias funções administrativas, entre as quais a de residente em Ruanda. Em 1934 sucedeu como governador geral do Congo Belga ao general Tilkens, e nessa qualidade foi a Africa portuguesa cumprir o sr. general Carmona, quando da visita presidencial às nossas colónias.

O sr. Pierre Ryckmans tem publicado vários livros acerca de problemas coloniais, entre os quais «Dominer pour servir», e tem feito pela radio numerosas conferências sobre a politica colonial e o desenvolvimento das comunidades indígenas. Durante esta ultima guerra contribuiu poderosamente para a contribuição que nela teve o Congo Belga. Agora regressa a Leopoldville, depois de ter conferenciado em Bruxelas com o ministro das Colónias da Bélgica.

Eisenhower conferenciou em Londres com Churchill sobre a situação no Reich

LONDRES, 16.—O general Eisenhower, comandante supremo aliado, foi hoje à Presidência do Conselho conferenciar com Churchill. Eisenhower, que veio de avião da Alemanha, acompanhado pelo general Bradley, comandante do 12.º Grupo de Exércitos, foi alvo de uma grande manifestação a noite passada, num teatro de Londres, a cujo espectáculo assistiu. Calcula-se que Bradley regressará ao seu Quartel General na Alemanha ainda hoje.

Supõe-se que a presença, em Londres, do comandante supremo, general Eisenhower, do marechal de Campo Montgomery, e do general Bradley, está intimamente relacionada com a próxima declaração do Primeiro ministro sobre a situação na Alemanha. Há cinco pontos principais acerca dos quais se julga que Churchill quis obter informações em primeira mão dos comandantes militares.

1.º—A situação presente e futura do chamado Governo Doenitz e as providências propostas para o desarmamento geral de todas as forças alemãs, o que até aqui tem sido exclusivamente da competência militar;

2.º—Ajustamento das zonas de ocupação em harmonia com os acordos concluídos. Parece que a posição actual das tropas britânicas e, particularmente, das tropas americanas nalguns sectores, está muito além da linha de demarcação, e, portanto, ou as zonas de ocupação têm de ser revistas ou o 3.º e 5.º exércitos norte-americanos têm de efectuar grandes retiradas, do que é designado como zonas ocupadas pelos russos.

3.º—Formações da comissão central de fiscalização. Pensa-se que toda a autoridade central alemã deixará de funcionar a partir do momento em que esta comissão comece a funcionar. A Comissão de fiscalização passará a ser de facto a autoridade soberana na Alemanha, tanto na parte que diz respeito aos negócios internos, como às relações com os governos estrangeiros. Como o marechal de Campo Alexander está encarregado da região do Mediterrâneo e da Austria, calcula-se que o marechal Montgomery será o representante britânico na Comissão de fiscalização. O general Eisenhower já foi nomeado pelo governo norte-americano para aquela Comissão, e espera-se que o marechal Zhukov será o representante russo.

4.º—As medidas que têm de ser tomadas para a entrega dos alemães e outros criminosos de guerra à justiça. As listas organizadas pelos diversos países não serão coordenadas. A comissão britânica dos crimes de guerra confirmou a sua decisão anterior de não publicar a lista britânica. Homens como Goering—calcula-se—não serão submetidos a um julgamento formal, mas tratados de harmonia com as decisões tomadas. Em presença das diferentes opiniões manifestadas, supõe-se que Churchill gostaria de esclarecer com as autoridades militares responsáveis pelos presos e prisioneiros as medidas a tomar.

5.º—O problema dos 20 ou 30 milhões de pessoas deslocadas, que têm que ser alimentadas, repatriadas e tratadas e que em muitos casos não têm casa nem patria onde voltar e que exige decisão rápida de muitos governos se se quiser evitar novas tragédias.

Finalmente, espera-se que seja feita uma declaração acerca da zona de ocupação francesa, sobre a qual têm corrido várias versões. Os pedidos franceses são considerados muito mais modestos que as notícias disseram, mas mesmo assim exigirão importantes reajustamentos dos primitivos planos.—(R.).

OS PÉS DORIDOS

Podem ser rapidamente Aliviados

Para acabar com os seus males tome um banho de pés com Saltratos Rodel. Logo após o primeiro banho de pés, os ardores, os inchaços e todas as inflamações desaparecerão e sentirá uma sensação de bem-estar que ultrapassará as suas esperanças. Os Saltratos Rodel libertam o oxigénio nascente que penetra nos tecidos, activa a circulação do sangue e amolece calos e calosidades de tal maneira que poderá mesmo andar o dia inteiro, se for necessário, sem dores e sem cansaço.

SALTRATOS RODEL

A venda em todas as farmácias e drogas aos preços de 5\$00, 10\$50 e 16\$00.

SELOS-ALBUNS

Visite a nossa Casa, onde encontrará o maior sortido em séries completas, selos avulsos. Sempre os melhores preços

Peça grátis «O Filatelista», jornal filatélico; aparece todos os meses

ELADIO DE SANTOS

Rua Bernardo Lima, 27

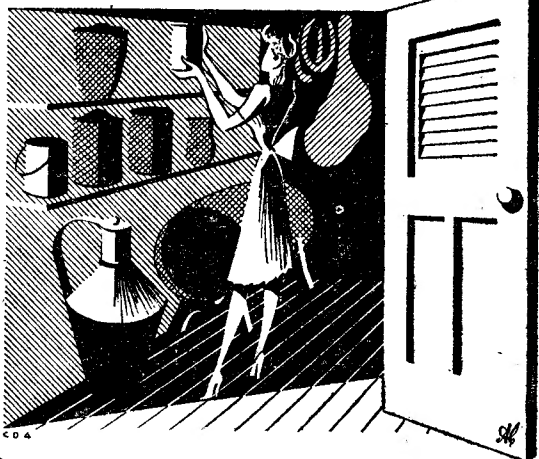
Telefone 4 9725

DINHEIRO EMPRESTA-SE

dando-se o maximo sobre todos os objectos

R. Duque de Palmela, 11

á R. Alexandre Herculano



Na sua dispensa...

NÃO É NECESSÁRIO GUARDAR QUALQUER LUGAR PARA A VITENA, PORQUE ESTE DELICIOSO ALIMENTO SE ENCONTRA À VENDA NO SEU FORNECEDOR HABITUAL. VITENA, O ALIMENTO CRIADOR DE VIDA, DEVE FAZER PARTE DA ALIMENTAÇÃO DE CRIANÇAS, VELHOS, DOENTES E CONVALESCENTES

VITENA

É UM PRODUTO COPAM

Alfa



A precisão dos movimentos obriga a uma concentração de todas as energias



A agilidade e a rapidez de acção exigem uma perfeita harmonia entre músculos e nervos



A elegância de movimentos requer a máxima elasticidade



A força e resistência combativas demandam músculos sólidos e potentes



Desportos!

O esforço desordenado que os desportos exigem do organismo, necessita de ser compensado proporcionando aos músculos e aos nervos o alimento adequado. A sensação de fadiga, a diminuição de força motora, de elasticidade nos movimentos, de agilidade, de energia, são os sinais de alarme pelos quais o organismo anuncia uma perda de resistência. Se notar qualquer destes sintomas recorra com confiança ao Fósforo Ferrero. Um breve tratamento com 4 comprimidos diários, restituir-lhe-á o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico, tornando-lhe o desporto fácil, agradável e de uma real utilidade para a saúde.

Consulte o seu médico e peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero

À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



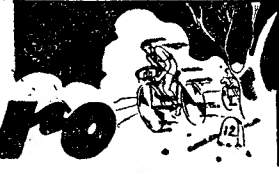
O equilíbrio e a velocidade em baixas temperaturas produzem um maior gasto de energia



O impulso e o domínio requerem uma perfeita coordenação nervosa



O impulso e a combatividade obrigam a máxima tensão da musculatura



A velocidade exige um conjunto muscular resistente e bem tonificado

GRACIOSOS ALFINETES MOURISCOS CREADOS E REALIZADOS PELA MARCA

TOPAZIO

PROCURE NAS OURIVÉRIAS

BOLACHA AMERICANA "NABISCO"

A MELHOR MARCA — MELHOR QUALIDADE

Sempre novas remessas à venda nas boas casas

Livros novos

A Revolta, de Fausto Duarte.



Fausto Duarte

Entre os escritores que a África nos tem dado, destaca-se Fausto Duarte, o do «Auréa», visual, intenso, de altos descritivos dramáticos e conhecendo, profundamente, a psicologia da alma negra. Vivendo na Guiné, Fausto Duarte tem como cenário habitual dos seus romances a Guiné, nesse curioso rincão das nossas colónias, porventura um dos mais densos de interesse literário. Intitula-se «A Revolta» o novo romance de Fausto Duarte, que nos dá, com relevo, a vida aventureira de um regulo bijagoz, último descendente de uma tribo dominante. O livro tem cor local. Não é feito de ficção, mas de realidade vivida e sentida. É poderoso de efeitos evocadores. A selva, os costumes indígenas, as lutas cruéis, as superstições, os encantamentos, a vida tentacular e misteriosa dos povos, tudo isto é dado, em pinceladas sugestivas, através de uma acção dramática que, em absoluto, nos empolga. «A Revolta» obterá, decerto, um merecido êxito. Livraria Latina.

Jóias — Pratas antigas

Compramos sempre por bom preço
BARRETO & GONÇALVES, L.^{DA}
AVALIADOR OFICIAL
17, Rua Eugénio dos Santos, 19

T. S. F.

Reparações em toda a classe
de receptores por muito difíceis
que sejam, executam-se na bem
conhecida

ELECTRO-LISBOA, L.^{DA}

Basta telefonar e, sem mais incómodos, V. Ex.^a receberá o seu
Rádio devidamente afinado

ORÇAMENTOS GRATIS
246, 248, RUA AUGUSTA — Tel 20588

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clínica de Necker—Paris
RINS, vias urinárias—Venero—Sífilis
T. Nova de S. Domingos, 9. 1.º, às 15 horas
Telefone 2 9062

ALCOBAÇA

Visitem o «HOTEL RESTAURANTE BAU».
Esmerado serviço de restaurante e esplendidos
quartos e «apartamentos».

Recomendado pelos Automóvel Club de Portugal,
Club dos Médicos Portugueses, Club dos
«100 á Hora» e Sociedade Propaganda de Portugal.

Bau só existe um em Alcobaca e não
tem sucursais

MOBILIAS

Renascença, talha primorosa. Inglesas e
D. João V. Quartos e C. Jantar modernas.
Tapetes Arraiolos. Visite-nos antes de comprar.
C. Sacramento, 6 (ao Chiado).

Maria da Luz Gomes Pereira

Agradecimento e missa do 30.º dia

Joaquim António Pereira, Filipe Gomes Pereira, sua mulher, Gracinda Henriques Gomes Pereira e filhos e mais família, na impossibilidade de poderem agradecer, por forma individual, a todas as pessoas que durante a sua longa e grave doença tão piedosamente se interessaram pelo estado da sua querida e extenuada esposa, Mãe, Sogra, Avó e Parente e ainda aos que a acompanharam à sua última morada, vêm, por este meio, tornar bem expressivo o seu eterno reconhecimento e jamais poderão esquecer as atenções amigas que lhes dispensaram em tão doloroso transe; informando que no próximo dia 17 será rezada missa às 10 horas, na Igreja de S. Domingos, no altar de Nossa Senhora da Conceição, agradecendo também, desde já, a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 4.ª pag.)

inteiramente bem—no traje e na alimentação. Eu gosto de frequentar gente assim. São relações que oferecem garantia e é agradável «ter comércio»—esta palavra «comércio», é empregada aqui fora do seu sentido próprio, porque eu não sou comerciante—é agradável, dizia, ter relações com uma pessoa bem vestida e bem tratada, com gostos médios e opiniões médias, como são, felizmente, também as minhas. De maneira que, como, para mais, eramos vizinhos, davamo-nos muito, saíamos muitas vezes de casa lado a lado, iam ao café juntos, tomávamos o mesmo «eléctrico», podia dizer-se que eramos inseparáveis. Porque foi que esta intimidade acabou? É uma coisa difícil de explicar. Foi da minha parte talvez uma questão de nervos, uma tolice, uma impressão estranha. A primeira vez que eu notei o facto que me impressionou foi uma manhã, por sinal que uma esplendida manhã de dia cheio de luz, em que nós passávamos por uma travessa que faz esquina para a nossa rua calma e de pouco trânsito. Eu vinha ao lado dele, passávamos exactamente à esquina da tal travessa, quando de lá nos veio uma voz de homem que gritava indignada:

—Você é um pulha, um mariola, um safado!

E eu vi o sr. Mendes estremeecer, fazer-se branco, apressar o passo como quem foge.

—Que tem?—perguntei-lhe eu.

—Não ouviu aquele homem?—respondeu ele.

—Com quem eram aquelas palavras? Não era comigo com certeza?

Eu fiquei tão espantado que não soube que lhe responder. E parece que foi de propósito. Parece que as coisas se combinaram, por acaso, por uma destas contingências que são raras, para que, mais umas duas ou três vezes, se dessem casos semelhantes. Ou era uma voz esgançada de mulher que gritava dentro de casa de forma a ouvir-se pelas janelas abertas «meu grande malandro», ou uma outra voz lacrimosa que repetia «ah! bandido, bandido», e era sempre da parte do sr. Mendes um estremecimento, um súbito empalidecer e a mesma pergunta ansiosa:

—Não é comigo, não acha?

Era, pelo menos, estranha, aquela ansiedade. Nos «cafés» é frequente ouvir, de mesa para mesa, estas palavras e outras piores, adjetivos qualificativos aplicados a uma incógnita, a um X que só o não é para os companheiros de mesa, que sabem a quem elas se referem. Eu, como toda a gente, ouço e não ligo. Pois o sr. Mendes enfiava, bebia tremulo a chicara de café, punha as moedas que pagavam a despesa sobre a mesa, levantava-se e dizia logo:

—Vamos embora...

—Porquê? Que pressa é essa?—indagava eu, surpreendido.

—Não ouviu o que eles disseram?—respondia-me ele, muito pálido.

Até que a última foi numa tabacaria no Rossio, onde entráramos para comprar cigarros. Ao nosso lado, junto ao balcão, estava um grupo de quatro homeus, conversando animadamente. E um deles, um tipo gordo, de grandes bigodes brancos e de óculos com aros de tartaruga, dizia para os outros, com convicção:

—Fiquem vocês sabendo que é uma besta. E que acima de tudo é um safado, um tipo sem carácter...

O sr. Mendes não comprou os cigarros. Fugiu logo para a porta da rua.

Foi a última vez. Nunca mais acompanhei com um homem, com tão estranha mania e de tão docinha susceptibilidade. Eu parece-me que ele é um homem sério. Mas por que razão se punha naquele estado quando ouvia coisas desagradáveis, dirigidas, sabe-se lá a quem? É pelo menos, esquisito. E pelo menos enervante. De maneira que aboli a antiga intimidade. Limite-me a falar-lhe quando o encontro e, sempre que posso, às vezes, até fora de propósito, digo-lhe coisas como estas:

—Sim, porque V. Ex.^a que é um homem de bem... Sim, porque o sr. Mendes é um cavalheiro...

Ele aperta-me a mão efusivamente e agradece:

—Muito, muito obrigado...

Pois sim, mas eu é que não quero intimidades.

RAMADA CURTO

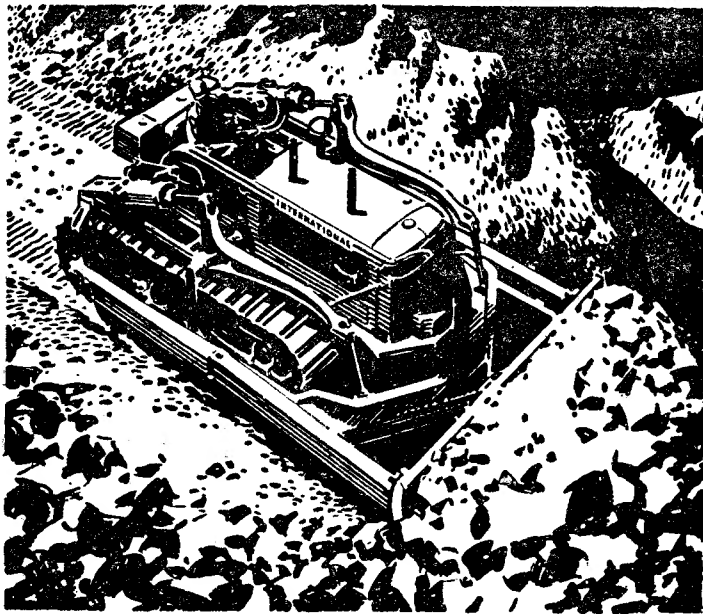
O centenário de Oliveira Martins

Uma conferência de Manuel Mendes

Realiza-se esta noite, às 21 e 30, nos salões do Ateneu Comercial de Lisboa, a anunciada conferência do sr. dr. Manuel Mendes, subordinada ao título «Oliveira Martins—O Homem e a vida», a qual marca o início do ciclo de conferências sobre Oliveira Martins, com que o Ateneu se associa às comemorações do nascimento do ilustre escritor.

AGRESSÃO GRAVE

ALVITO, 14.—António Augusto Pinto foi agredido, por Inácio Branquinho, com uma facada, próximo do coração. O agressor, que ficou com um braço fracturado, foi preso. O agredido seguiu para Lisboa e o seu estado é perigoso. Parece que de há muito andavam de rixa.



TRACTORES INTERNATIONAL

Fôrça móvel para TUDO

As estradas são de importância vital para os transportes modernos... e aos TRACTORES «INTERNATIONAL» cabe uma parte importante no desenvolvimento de estradas públicas em todo o Mundo. Trabalhando sob desfavoráveis condições de actuação, os Diesel «INTERNATIONAL» têm provado a sua eficácia na construção de estradas militares e para o tempo de paz. Levantam wagons até 14 metros; talham subidas e descidas de caminho; aplanam e cortam margens com lâminas próprias para empurrar terras; puxam grandes escarificadores e desempenham uma grande quantidade de outros trabalhos pesados.



INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY

Harvester Building

Chicago 1, U. S. A.

Distribuidores em Portugal:

FASSIO, LIMITADA

20—Rua Jardim do Regedor, 32—Lisboa

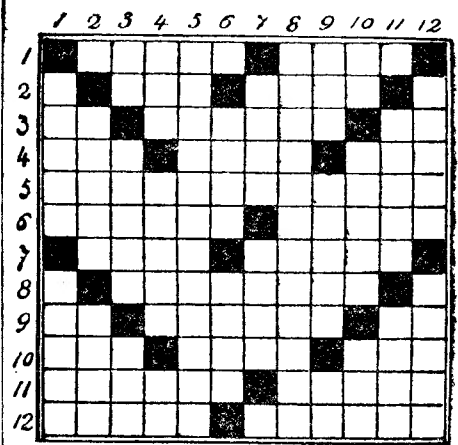
TRACTORES «INTERNATIONAL» — Construídos pela International Harvester, uma firma que tem mais de 110 anos de experiência de engenharia e manufatura.

INTERNATIONAL HARVESTER

EVA

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 963



HORIZONTAIS: 1—Cidade e porto da Palestina sob mandato britânico. Nome de homem. 2—Acreditel. Mulheres de muito pequena estatura. 3—O mais. Planta bromeliácea originária da América. Símbolo químico do bromo. 4—Fecha as asas para descer mais depressa. Cinchos. Lavre. 5—Relativos à cabala dos hebreus. 6—Estimaria. Excentrico. 7—Voraz. Género de aves aquáticas palmípedes lamelirostras (pl.). 8—Desviare. 9—Caminhar. Guarneceres de asas. Nota musical. 10—Iniciais que costumam encimar os convites para funerais. Fecham as asas para descer mais depressa. Preposição e artigo (pl.). 11—Engastes. Ornamentos. 12—Apelido antigo. Capital da Eritreia.

VERTICAIS: 1—Grande convulsão. Celebre feiticeira a quem Homero atribue grande papel na sua «Odisséia». 2—Ligação. Brincadeira. 3—Antes de Cristo. Paroco. Deus dos rebanhos e dos pastores. 4—Colera. Sulcava. Enxerga. 5—Acabasses. 6—Canção. Ofereceis. 7—Aniversário natalício. Crisol. 8—Guarnecemos com fitas de nastro. 9—Fluido aeriforme. Pequenos barcos de recreio. Unidade monetária alemã (abre.). 10—Pedra de domínio. Acções. Nome de mulher. 11—Pães de milho. Transmitir gratuitamente a outrem. 12—Prisioneiro. Pronome possessivo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 962

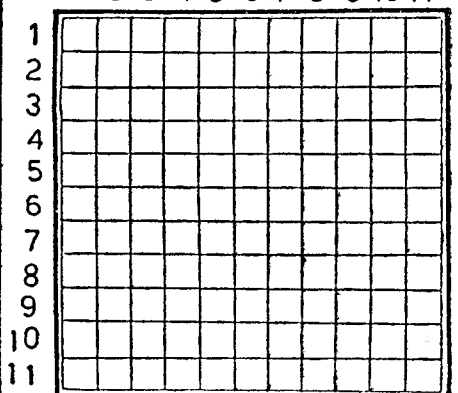
HORIZONTAIS: 1—Siara. Carpa. 2—Orda. Reis. 3—Prismáticos. 4—Ração. Adora. 5—Irritar. 6—Pó. Dá. 7—Narrada. 8—Aiaia. Varra. 9—Arrostarias. 10—Real. Iate. 11—Assam. Casos.

VERTICAIS: 1—Sopro. Saará. 2—Irra. Ires. 3—Adicionaras. 4—Rasar. Aiola. 5—Moraras. 6—Vá. Tu. 7—Tateava. 8—Arida. Daria. 9—Recordarias. 10—Pior. Rato. 11—Assar. Casos.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 96

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS: 1—Padrinho. 2—Tramam. Fio de tripa que vibra em alguns instrumentos. 3—Batráquio. Barcos pequenos de recreio. Prefixo de negação. 4—Nome de mulher. Nome de homem. Madeira. 5—Lei. Ecoara. 6—Réptil sáurio. Piedosas. 7—Relativas á ogiva. 8—Devastam (fig.). Estilo. 9—Raiva. Azafama. Variedade de carbonato de cálcio. 10—Porto interior. Cabo de objecto. 11—Estimais. Mover os remos para impelir o barco.

VERTICAIS: 1—Planeta mais distante da terra. Arranca. 2—Campos relvados. Lavram. 3—Preposição latina que designa direcção. Pancada com argola. 4—Monarca. Feiticeira. Nesse lugar. 5—Amarga. Iman. 6—Pronome pessoal. Quarto. Um dos pecados mortais. 7—Levanteis. Amarra. 8—Pronome pessoal. Suco das capsulas de diversas papoilas que serve de narcótico. Base. 9—Abreviatura da unidade monetária de França. Espaço de território que se abrange num golpe de vista. 10—Detestara. Exponha. 11—Pões-te amuado. Má sorte.

KIT

Loção Balsâmica para
depois de barbear

Distribuidor:

Travessa da Rua Formosa, 20
PORTO



O PETROLEO PIVER, excelente produto da Química Francesa, é a razão pura e simples de uma bela e sedosa cabeleira.

O Petróleo PIVER conserva e revigora o cabelo, limpa-o e perfuma-o, eliminando, ao mesmo tempo, a caspa.

O Petróleo PIVER, que tão óptimos resultados tem dado, é ainda o agente indispensável para a conservação do cabelo.

L.T. PIVER



Farinha Amparo

Ao almoço, ao lanche ou ao deitar, é o melhor alimento. À venda em toda a parte. Produto da Aliança d'Ouro, Lda. — R. da Rosa, 71.

BASILISA PEDROSA
Parteira diplomada
Rua Augusta, 275-4. — Tel. 2 9607

O «Diário de Lisboa» vende-se em Vila Franca das Naves, no n.º agente Antonio dos Reis.

Arrematação no Tribunal de Almada QUINTA

com 100.000 metros quad., no centro da vila de Almada, com bastante água. Grandes armazens, casas de habitação, ótima para qualquer instalação comercial ou industrial e para urbanização.

Vai á praça amanhã, 17, ás 12 horas, por Esc. 176.160\$00.

PNEUMÁTICOS PORTUGUESES

Concurso para uma Marca e uma Legenda

12 MIL ESCUDOS DE PREMIOS

A MANUFACTURA NACIONAL DE BORRACHA, S. A. R. L., com Alvará para o fabrico de pneumáticos, promove dois concursos para a escolha de uma

MARCA

destinada aos artigos de seu fabrico, e de uma

LEGENDA

frase ou «slogan» a usar no réclamo dos seus produtos.

PREMIOS

PARA CADA UM DOS CONCURSOS

- 1.º — Esc. 3.000\$00
- 2.º — Esc. 2.000\$00
- 3.º — Esc. 1.000\$00

O concurso terminará em 31 de Maio de 1945 e as suas condições serão remetidas a quem enviar preenchido, o seguinte recorte :

A' Manufactura Nacional de Borracha

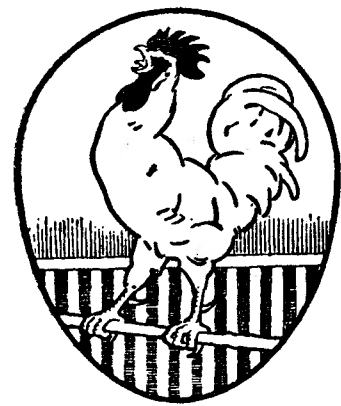
RUA DE FERNANDES TOMAS, 706, 1.º

PORTO

Queiram enviar-me as condições dos concursos da MARCA e da LEGENDA

NOME... ..

MORADA... ..



Bendita seja a Paz! E que Deus no-la conserve

A «MARIAZINHA» revela que já tinha preparado o plano para a nova batalha que vai travar, com o fim de conquistar, no mais curto espaço de tempo, os melhores elementos que se forem descobrindo para melhorar ao máximo os seus produtos.

E' que «A MARIAZINHA» não esquece o compromisso tomado. E também não consente, custe o que custar, que lhe seja arrebatado o 1.º lugar que sempre ocupou desde a primeira hora.

A Mariazinha

Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas
Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(à Igreja de S. Domingos)

LUSTRES

APLIQUES
CASTIÇAS
ABAT-JOURS

J. R. DE BRITO
FABRICANTE

CÂDELABROS
CANDIEIROS DE MESA
VELAS, MADEIRA E CARTÃO

RESTAURADOR DE LUSTRES ANTIGOS

Rua Luiza Todi, 2 (à rua de D. Pedro V)

Telef. 2 0497 — LISBOA

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLÍCIA

SEM COBERTURA—O sr. Luiz Torres Meneses, residente na rua de Santa Justa, 101, queixou-se à P. I. C. contra determinado indivíduo, cujo nome indicou, a quem acusa de lhe ter dado um cheque, na importância de 12.000\$00, para pagamento de uma conta, que depois verificou não ter cobertura.

FURTO POR ARROMBAMENTO—Os gabinetes entraram, por arrombamento, no estabelecimento Artes Decorativas, rua do Ouro, 280, de onde furtaram uma máquina de escrever, um relógio em bronze e um cortinado.

DESASTRES

COLHIDO POR UM AUTOMÓVEL—Na praça dos Restauradores foi colhido por um automóvel o sr. Pedro Saldanha, gerente do Concha Bar, que recolheu ao hospital de S. José em estado grave.

MORTO POR INTOXICAÇÃO—Chegou hoje de manhã, já morto, ao hospital de S. José, de onde seguiu para o Instituto de Medicina Legal, Virgílio Ferreira de Almeida, 17 anos, marçano, morador na rua B, 4, Quinta do Ferro, 15-B, por na sua residência ter sido intoxicado por gás da iluminação.

COM UM TIRO NUMA PERNA—Por se lhe ter disparado a arma caçadeira, de que era portador, do que resultou ter ficado com uma perna muito ferida, deu hoje entrada na sala de observações do hospital de S. José, o hortelão Luiz Rosa, 37 anos, residente em Sobral de Monte Agraço.

COLHIDO POR UM COICE—Na sala de observações do hospital de S. José, deu hoje entrada, por ter sido colhido por um coice no ventre, Americo Rodrigues, de 45 anos, servente de calceteiro, morador no Fundão, onde sofreu o desastre.

CHOQUE DE VEÍCULOS—O «eléctrico» n.º 308, guiado pelo guarda-freio Manuel Gamero, chocou hoje, no Campo Grande, com uma carroça da C. M. L., de que era condutor Alberto Gonçalves. Do embate resultou ser cuspidor da carroça António José Dominges, que, além de ter sofrido várias contusões, ficou com um braço fracturado, pelo que teve de ficar internado no hospital escolar de Santa Marta. O guarda-freio e o condutor da carroça foram presos.

AMERICANOS EM VIAGEM

O avião da Aero Portuguesa, que regressou hoje de Casablanca, partiu esta tarde, numa viagem extraordinária, para Marrocos, levando dez americanos, de ambos os sexos, que bastante tempo se encontravam em Portugal, e que vão fixar residência no Norte de África. O avião da Aero Portuguesa fará, amanhã, outra viagem extraordinária, transportando mais americanos que vão para o mesmo fim.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Fluctuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 2 3/4 1/10	—	—	980\$
Consolidado 3 % 1/10	1.007\$	1.007\$	1.008\$
Consolidado 3 1/2 1/10	1.050\$	1.048\$	1.052\$
Consolidado 3 3/4 1/10	1.030\$	1.028\$	—
Obrigs. T. 2 1/2 1942	999\$	998\$	1.000\$
Centenários 4 %	2.460\$	2.460\$	—
Externas 1.ª série	—	1.945\$	1.970\$
Externas 1.ª carimbadas	—	—	1.910\$
Externas 3.ª série	—	1.935\$	—
Externas 3.ª carimbadas	—	—	1.920\$
Cautelas 3.ª série s/juro	—	292\$	295\$
Ações			
esp. St. e Com. L.ª port.	—	2.600\$	2.608\$
Lisboa e Açores port.	975\$	970\$	978\$
Ultramarino cp. 1 p...	436\$	436\$	437\$
Fidelidade	—	50.000\$	54.500\$
Mundial	—	1.450\$	1.550\$
Agua Lisboa 1934 1 p.	—	228\$	—
Agua Lisboa 1936 1 p.	—	—	223\$
Cervejas Estrela	—	1.851\$	—
Cimentos Fejo	575\$	570\$	580\$
Cimentos Leiria 1 p...	—	—	1.000\$
Crédito Predial port.	30\$	30\$	30\$
Gás e Electricidade cup.	320\$	320\$	321\$
Alto Alentejo cupão...	860\$	850\$	865\$
Industrial Alentejo ...	—	390\$	395\$
Portugal e Colónias ...	316\$	316\$	316\$
Nacional Naveg. 1 p	1.042\$	1.041\$	1.045\$
Colonial Navegação ...	1.190\$	1.180\$	1.200\$
Port.ª de Tabacos cupão	—	601\$	608\$
União Eléctrica Port.	—	—	640\$
Jasquei	1.035\$	1.034\$	1.035\$
Agricultura das Neves	740\$	735\$	740\$
Agricultura Colonial ...	471\$	471\$	472\$
Açúcar de Angola	1.784\$	1.782\$	1.785\$
Buzi	208\$	208\$	209\$
Ilha do Príncipe	—	629\$	630\$
Zambézia 1 de 25 ...	95\$	94\$	95\$
Obrigações			
Agua de Lisboa 3 % ...	—	545\$	550\$
Norte de Portugal 3 %	—	116\$	117\$
C. P. 6 % Beira Baixa	—	283\$	285\$
C. P. 6 %	292\$	291\$	294\$
R. N. L. Moag. 5% T.p.	—	1.030\$	—

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 248 RUA DA PRAIA 24

VINHO VERDE NATURAL
"VERDE ATEI"
SERVIDO AO ALMOÇO E AO JANTAR
ALIMENTA E DISPÕE BEM!
R. ALFONSO MEXILIANO, 400-E - TEL. 62.567

A INDUSTRIA CORTICEIRA

Ouvindo o importante industrial

sr. Persio Mira

Sendo indiscutível a próxima solução do problema europeu, afastando-se dos campos do velho continente o fantasma sangrento da guerra, com um fim que a todos não parece distante—julgamos de maior conveniência e utilidade procurar-se fazer um cuidadoso exame às possibilidades de produção e de exportação de todos os produtos portugueses.

Uma rubrica encima a lista, guardando de há longa data tão proeminente lugar, por seus próprios valores, afirmando-se, quer na paz como na guerra, um dos mais valiosos factores da nossa Estabilidade Económica e um dos mais reais e eloquentes exemplos da nossa capacidade de produção.

Reforçemo-nos à cortiça, celebrado produto português, ganhando todos os mercados, afirmando a fronteira a riqueza do nosso solo e as verdadeiras possibilidades da nossa indústria. Não devemos esquecer que, como qualidade e quantidade, marchamos na vanguarda dos maiores produtores de cortiça de todo o mundo.

Isto são verdades que todos conhecemos, mas que nunca é demais repetir.

A protecção oficial à indústria de cortiça é mais do que um elemento preito de justiça e de reconhecimento publico, uma verdadeira chamada a todos os valores economicos da nação.

Achamos, por isso, dum flagrante oportunidade arquivarmos a opinião, desapassionada e sincera, de alguém que profundamente conhece o meio corticeiro português.

A escolha foi, na verdade, rápida. O nosso querido amigo, sr. Persio Mira, competitissimo técnico e dirigente dum das principais firmas de fabrico e exportação de cortiças, nome bem conhecido em todos os meios, quer bancarios, quer comerciais—pôs-se inteiramente à nossa disposição para declarar publicamente a sua opinião sobre a vida da cortiça em Portugal.

As suas primeiras palavras foram pesadas e medidas com todo o cuidado:

—E' ocioso negar a primordial situação que a cortiça disfruta na serie das riquezas do nosso país. Pena é que, na verdade, se verificam certas anomalias que, a meu ver, prejudicam o seu verdadeiro progresso e a sua firme estabilidade.

—Anomalias?! — atalhamos — Anomalias numa das primeiras industrias portuguesas?!

Persio Mira sorriu e concretizou o seu pensamento:

—Sejam, claros. Uma industria, para que sintamos os pés bem seguros na terra, tem que andar com uma directriz rigidamente traçada, e não sujeita a aventuras, e a dependências do acaso. Ando neste meio há vinte e cinco anos e a verdade é que, salvo uma pequena minoria, uma grande percentagem de empresas não tem conseguido, ultimamente, a segurança de lucros que lhe permitiria um progresso necessario para todos—patrões, operários, para o país, enfim. Falta, na verdade, um certo senso comercial, uma calma orientadora e directiva, aqueles conhecimentos, técnicos ou comerciais, que são a base dum desenvolvimento sólido e seguro.

—Pode precisar melhor as suas palavras?!

—Tentarei... Como sabe, a base de toda a trama comercial da nossa industria é a compra da cortiça no montado e, em seguida, a orientação a dar aos vários sectores técnicos que transformam um produto natural num artigo de venda ou de exportação. Há, sempre, um factor que determina verdadeiramente as compras de cortiça no matto: é a venda dos refugos, virgens e aparas. Evidentemente que, como nos ultimos meses, quando o seu preço melhorou, uma grande parte dos fabricantes de cortiça é arrastada num entusiasmo que os leva a fazer ofertas ás cortiças em bruto ainda a extrair verdadeiramente acima do que seria para esperar.

—Seria um encadeamento logico...

—Mas não é tal... Esperamos dois e três meses para exportar e daqui resulta que o que hoje é «preço», amanhã o não será. E o futuro não será mais do que uma incognita. Como vê, creio que tenho razão...

—Efectivamente, assim é. Diga-me agora: claro que todas essas flutuações vão arrastar uma concorrência...

... que não deixa de ser curiosa, interrompeu o sr. Persio Mira. Os artigos de que lhe falei são quasi que inteiramente negociados em Lisboa. Há firmas que só a isso se dedicam, embora, na verdade, não passem de puros representantes de casas estrangeiras. E duas recentes se desenharam: uma, a compradora, composta por meia dúzia de firmas importantes; a outra, representada por centenas de firmas, ou fabricantes ou vendedores, que se diglamiavam, evidentemente, em proveito das primeiras. E ora aqui está uma das anomalias de que lhe falei. Essas centenas de fabricantes que tanto se guerreiam vêm a comprar no matto por preços altíssimos, que, mais tarde, na venda, muitas vezes não podem manter.

—O campo e a cidade...

—Evidentemente que o lavrador merece lucro do seu trabalho e das suas responsabilidades. Nê assenta um dos mais fortes pilares da nossa vida economica. No entanto, há lucros e lucros... A cortiça cria-se por si, sem despesas ou cuidados especiais.

—No meio termo está a virtude...

—Nem mais, concordou o nosso amigo. Aquelas firmas que, na verdade, industrializam a cortiça, devem pesar bem as suas responsabilidades, as suas condições de venda, as suas verdadeiras possibilidades de exportação que é, por assim dizer o ome de toda a industria. Não sucederia, como pessoalmente tenho verificado,

que varias empresas se aventuram no caminho exportador encontrando, como seria de esperar, bem grandes dificuldades. Há entre nós o vicio da exportação.

—Por um lado, tal atitude é progressiva e dum firme logica comercial. No entanto, parece-me que antes de tudo é necessario criar o ambiente proprio para que tal exportação se faça sem desdouro para um artigo português que é justamente celebre em todo o mundo.

Não se compreende que se envie—como tantos fazem—a nossa cortiça por esses mares fora, a consignação. Mandar, sim, mas apenas com as garantias necessarias para não astixarmos ao importante ramo da nossa industria.

E ante a nossa estranheza, o importante industrial, sr. Persio Mira, cita factos:

—Tem sucedido varias vezes o que lhe digo. Quer para as Americas, quer para países europeus, a cortiça portuguesa é muitas vezes mandada sem qualquer garantia. Sei de firmas que têm assim enviado mensa mercadoria para o estrangeiro. E o que succede?... Se, por qualquer motivo, a casa para onde foi enviada consegue, de outro fornecedor, cortiça mais barata, é um nunca acabar de defeitos: que o produto é fraco, que vem molhado, etc., etc. E o exportador, ficando com a cortiça, que não pode enviar de novo para Lisboa, acaba por vendê-la com uma quebra que muitas vezes atinge 50 por cento. Como vê, industrias que assim enviam a nossa cortiça para o estrangeiro, prejudicam todos aqueles que procuram exportar, digna e cuidadosamente. A propria industria transformadora—como exemplo: varias firmas do norte—em Paços de Brandão—não foge ao defeito de exportar a consignação inumeras mercadorias, como sacas de rolhas, etc.

—E no sul?!—preguntamos.

—Aqui, em baixo, as coisas não vão tão bem como seria para desejar. A fabricação da rolha, por exemplo, está quasi paralisada, e esta modalidade é das mais importantes e aquela que bem pior está. Infinitamente trabalhosa, o seu futuro na praça é duvidoso e incerto. Assim, por exemplo, um dos aspectos que acho não devemos esquecer é a situação do operariado. E' inextricavelmente justo que se lhe dê uma situação estável e definida, garantindo-lhe uma certa efectividade de trabalho. E' necessario procurar garantir uma segura continuidade no fabrico das rolhas. Para isso, seria urgente examinarmos, em primeiro lugar, a origem das compras em muitas firmas pequenas. Muitas há que se limitam a comprar, pura e simplesmente, cortiça roubada. Como é evidente, as rolhas, batoques, e.c., assim fabricados apresentam preços que todos aqueles que, honradamente vivem, não podem combater.

—Em tais condições é impossivel trabalhar, —acrescentamos nós.

—Como vê... E acredite que não exagero. Em segundo lugar, seria necessario que todos os fabricantes de prancha abatessem 10 a 20 por cento, nas suas vendas, proporcionando a secção transformadora uma margem de lucro de molde a promover, tanto quanto possivel, a sua industrialização em todo o país. Tudo isto reunido com o gravissimo aspecto das vendas a consignação a que já me referi cria um ambiente muito pouco propicio para a prosperidade da industria corticeira portuguesa. E ainda me quero referir a outros dois aspectos. Se de faco fosse superiormente determinado o engarrafamento obrigatorio, como o meu colega, sr. Aldemiro Mira declarou nas columnas do jornal «O Seculo», não calcula o meu amigo como o panorama mudava para melhor. Milhares de trabalhadores melhoravam as suas condições de vida e o nivel do seu trabalho. Seria justo tambem que os nossos dirigentes fizessem o possivel nas facilidades de vendas para as nossas colonias, bem como manter-se o engarrafamento obrigatorio tambem para a Africa. Como vê, eram duas industrias—a minha e a vadeira—que sofririam um forte impulso de progresso.

—Falou em dois aspectos que queria focar...

—Ah! Sim!... O segundo é o da urgente protecção á industria transformadora. Tal resolução seria agradecida de alma e coração por centenas de operários e técnicos portugueses. E o caso não me parece de muito difficil solução. Assim, em tempos normais, é exportada uma certa percentagem de cortiça em prancha, e dela, uma grande parte é para ser fabricada—rolhas, etc. Se em vez de tais envios, ficasse em Portugal uma quantidade bastante para aqui ser transformada, e daqui ser enviada em condições aduaneiras que equilibrassem o volume das vendas de cortiça em prancha, para varios países.

—De facto, nunca o problema foi posto tão claramente, concordamos nós.

—Uma palavra, ainda não tive, em todas estas considerações, o mais leve intuito de melindrar quem quer que fosse. Apenas pretendi mostrar o interesse que tenho no verdadeiro progresso da industria da cortiça, quer como lavoura, quer como industria de exportação ou de transformação. E devemos, ainda, todos pensar nas melhorias de vida do nosso operariado. E' justo que assim seja, não só pelo reconhecimento de todo o seu valioso trabalho, mas ainda por um caso elementar de justiça social.

Com esta observação, que bem reflecte o seu caracter, acabou o sr. Persio Mira de nos mostrar, clara e desassombradamente, todo o panorama da industria corticeira portuguesa.

E nas suas judiciosas opiniões encontrámos a mais viva defesa dum dos ramos mais importantes de toda a nossa industria, da Economia Nacional, e, por conclusão, do bom nome de Portugal.

A situação em Trieste

(Continuação da 1.ª pag)

ção das hostilidades, o seu destino, neste momento, só deve ser regulado pelas decisões da autoridade militar na área em que se encontra a cidade contestada. Essa autoridade, no norte da Italia, pertence insofismavelmente ao comando britânico.

O marechal Tito, fazendo avançar rapidamente as suas tropas sobre os bairros de Trieste, quis criar um facto consumado e afirmar, vigorosamente, as reivindicações jugoslavas em relação a toda a região do Adriatico que constitue, tradicionalmente, um motivo de conflito latente entre a Italia e a Jugoslavia. A argumentação com que explica o seu acto invoca, naturalmente, os sacrificios consentidos pela Jugoslavia nesta guerra, o facto de não poder negociar com uma nação vencida, a Italia, e as exigencias de segurança militar que lhe cumpre salvaguardar rigorosamente.

O precedente de Fiume

A solução híbrida que tem sido aventada (deixar aos jugoslavos o encargo de ocuparem a cidade confiando aos neo-zelandeses a área do porto) serviria apenas para prolongar a crise, que se aproxima do seu ponto culminante, e para perpetuar um estado de ficção perigoso entre italianos e jugoslavos. A sentença de Salomão ditada, no caso de Fiume, quando terminou a outra guerra, constitue um precedente que deve ser tomado em consideração pela diplomacia das Nações Unidas.

Em vez dum cidade foram criadas em Fiume duas cidades. Tornou-se necessario estabelecer uma linha de demarcação artificial. Tão artificial que, em alguns pontos, ela tinha as características dum muro de vidro ou dum muralha da China. Privando o porto italiano da região a que servia de escaleiro, condenaram-no a definir como o ramo de uma arvore privada da sua seiva. Por seu lado, a criação do pequeno porto jugoslavo de Sussak nunca deu os resultados que dela se esperavam. E' para um estado de coisas identico que actualmente se caminha em Trieste? Os inconvenientes dessa solução são por tal maneira manifestos que não vale a pena insistir nêles.

O ESPANTO DO DIABO



Foi hoje posto á venda o semanario humorístico «Sempre Fixe», o mais popular dos jornais comicos que, brevemente, atinge o milésimo numero. O «Sempre Fixe» desta semana traz uma página magistral de mestre Valença, que ha-de ficar na história da caricatura e que, pelo simbolismo e expressão, é uma verdadeira e impressionante obra-prima. Leiam-se ainda os «Ditos da semana», de Alfredo França; «Arrufadas de Coimbra», o «Gato do Campo Pequeno», de Wenceslau Fernandez Flores; «Teatro por dentro e por fora», «Cock-tail semanal»; a pagina famosa de Botelho, e numerosas caricaturas e casos flagrantes da actualidade.

António Cunha, Limitada

Av. Gomes Ferreira, 105 - Benfica

Participa a todos os credores que se realiza no próximo dia 19 do corrente, pelas 20 horas, uma reunião para apreciação dos seus créditos.

Lisboa, 14 de Maio de 1945.

A gerência
António Cunha, Lda.
(segue o reconhecimento)

A França

**foi reconhecida
em San Francisco
como uma
das 5 grandes potências**

SAN FRANCISCO, 16.—A proposta da delegação canadense e apoiada pela sul-africana, no sentido de a França ser reconhecida imediatamente como uma das cinco grandes potências, com direito a um lugar permanente no Conselho de Segurança, foi aprovada na reunião da comissão executiva pelos representantes de 49 Nações Unidas.

A comissão concordou igualmente em que houvesse seis lugares não permanentes para Estados eleitos na Assembleia Geral. Desta forma, a qualidade de membro do Conselho de Segurança, como sugeria Dumbarton Oaks, fica limitada a 11 potências. — (Reuter).

Os delegados franceses manifestam-se contra a reunião dos Três Grandes

SAN FRANCISCO, 16.—Os delegados franceses manifestaram forte sentimento pelo facto da França ter sido excluída da reunião que o Presidente Truman anunciou dos três chefes das grandes potências—Estados Unidos, Grã-Bretanha e Rússia.

O ministro francês dos Estrangeiros, Bidault e o embaixador Henry Bonnet partiram para Washington ontem à noite. Uma individualidade oficial francesa, altamente colocada, declarou ao correspondente da Reuter que Bidault e Bonnet iam conferenciar com o Presidente Truman acerca da «posição da França na futura organização mundial». — (R.).

Não se crê que De Gaulle seja convidado

WASHINGTON, 16.—Segundo afirmou já o Presidente Truman, não é provável que o general De Gaulle seja convidado a participar na próxima reunião dos Três Grandes. Truman, interpelado ontem pelos jornalistas sobre se tinha discutido com Eden a possibilidade da realização do encontro dos Três Grandes, respondeu afirmativamente e acrescentou que «tinha toda a esperança de que se verificaria a possibilidade de se efectuar oportunamente essa reunião para discutir o plano da próxima paz». Os jornalistas insistiram sobre se De Gaulle seria convidado.

Truman, cujas palavras não podem significar uma citação directa, respondeu assim: «Os Três Grandes reuniram-se».

Como é obvio, isto quer dizer que o convite ao general De Gaulle não é neste momento considerado; este assunto deve ter sido abordado na conferência que o Presidente Truman teve ontem com Eden. — (R.).

A participação argentina

SAN FRANCISCO, 16.—Os delegados da Argentina fizeram ontem a sua apresentação oficial na Conferência de San Francisco. O dr. Miguel Carcano, chefe da delegação e embaixador da Argentina na Grã-Bretanha, passou o dia em importantes conferências, uma das quais com Lord Halifax, embaixador britânico em Washington e actualmente chefe da delegação da Grã-Bretanha à Conferência. — (R.).

A fronteira ocidental

da Alemanha

ENCERRADA POR PRECAUÇÃO

LONDRES, 16.—A rádio Luxemburgo informou ontem que a fronteira ocidental da Alemanha fora encerrada para impedir a fuga dos criminosos de guerra para a Holanda, Bélgica, Luxemburgo e França. A fiscalização da fronteira, que foi imposta pelo Alto Comando Aliado, por ordem do supremo comando, proíbe igualmente o tráfego civil e militar aliado para a Alemanha e dela para fora, a não ser que seja devidamente autorizado. — (R.).

A ocupação

**de Berlim
terá caracter
simbólico
e durará um mês**

JUNTO DO EXERCITO CANADIANO, 16.—Scube-se que a ocupação aliada de Berlim será um caso de simbolismo, que durará um mês. Depois disso, não é provável que continue, uma vez que será impossível manter-se em Berlim qualquer grande guarnição. — (Reuter).

**Foi libertado o comandante
do exército norueguês**

LONDRES, 16.—O general Ruege, comandante das forças norueguesas, chegou a Moscovo a caminho da Noruega. O general Ruege foi libertado de um campo de concentração onde os alemães o tinham internado por se ter recusado a comprometer-se a não fazer oposição às autoridades alemãs da Noruega. — (R.).

A luta no Pacífico

A libertação de Mindanao

MANILA, 16.—O comunicado do general MacArthur informa que as tropas americanas libertaram 90 por cento da grande ilha de Mindanao, a maior das Filipinas, libertando 95 por cento da população. — (R.).

A ofensiva aérea contra o Japão

NOVA YORK, 16.—Os principais chefes aéreos aliados no Pacífico acabam de realizar uma importante conferência em que se julga que foram feitos planos para intensificar o bombardeamento aéreo à metrópole nipónica. — (Reuter).

A situação na Noruega

Quisling vai sofrer o primeiro interrogatório

OSLO, 16.—O interrogatório preliminar de Vidkun Quisling, perante os magistrados, efectua-se num dos próximos dias.

Será provavelmente acusado de traír o seu país ou de procurar a morte de patriotas noruegueses. Segundo a lei norueguesa actual, deve ser julgado dentro de 30 dias. Fortes guardas armadas com metralhadoras foram colocadas em volta da prisão onde se encontra Quisling e as proximidades da sua cela estão patrulhadas por tropas. — (R.).

**A esposa de Quisling terá
de abandonar o castelo onde vive**

OSLO, 16.—Maria Quisling, de origem russa e mulher do chefe nazi norueguês, foi intimada a deixar a residência de Quisling, o castelo de Gimle, próximo de Oslo, e residir em casa que não seja do Estado. — (R.).

A situação do rei Leopoldo

BRUXELAS, 16.—Diversos belgas proeminentes deixam hoje Bruxelas para se encontrarem com o rei Leopoldo nos arredores de Salzburg, segundo informou ontem, à noite, a agência noticiosa belga. — (R.).

Nos portos

**alemães
foram encontrados
muitos navios
em estado de servir**

PARIS, 16.—Alguns portos alemães não estão danificados e alguns deles encontravam-se navios prontos para largar e que puderam ser empregados imediatamente, segundo se revelou hoje no Q. G. Aliado.

Em Bremen havia ancoradouros para navios da classe «Liberdade», 16 submarinos fabricados e mais 9 sabotados. Em Bremenhaven e Wesermund havia ancoradouros para 20 navios da classe «Liberdade». Estava lá o paquete «Europa», em boa condição, mas no lódo. O paquete «Bremen» está totalmente perdido. Trinta navios de carga e 25 traineiras foram também encontrados. Em Cuxhaven todas as instalações e navios se encontram intactos, incluindo dois contratorpedeiros, 4 navios antiaéreos, 22 caca-minas e 7 submarinos. O porto de Brunsbuttel não estava danificado. Um contratorpedeiro, um submarino, um navio de escolta, um navio antiaéreo, um cruzador, 4 submarinos, 2 caca-minas e outros navios foram lá encontrados.

Em Hamburgo, muitos dos ancoradouros mais fundos e docas achavam-se menos danificados do que a princípio se julgava: 50 navios mercantes, 19 docas flutuantes e muitos navios pequenos estavam afundados. Em Heligoland, encontraram-se 7 submarinos. A cidade estava destruída. Em Wilhelmshaven, todos os submarinos estavam afundados, mas foram encontrados um contratorpedeiro e 12 caca-minas.

O porto de Kiel estava em piores condições do que se julgava. Todos os estaleiros navais estavam devastados. O cruzador «Admiral Hipper» estava sabotado na doca e o cruzador «Emden» fora incendiado. Doze submarinos tinham-se afundado. 64 navios médios e navios mercantes pequenos e 9 navios cisternas foram encontrados na doca.

As instalações do grande porto holandês de Roterdão não se encontram tão más como se pensava e só a escassez de carvão imede o seu uso. — (R.).

**100 micro-submarinos alemães
apressados**

LONDRES 16.—Nos últimos meses da guerra europeia foram afundados, provavelmente afundados ou avariados, 81 micro-submarinos alemães. Mais 28 foram possivelmente afundados e mais 70 foram atacados sem se terem observado quaisquer efeitos.

Desde que a Alemanha capitulou foram tomados 100 micro-submarinos. Estes factos foram comunicados ontem à noite pelo Almirantado e pelo Ministério do Ar. — (R.).

A SUIÇA RETIROU

**a nacionalidade ao autor das leis
raciais do nazismo**

LONDRES, 16.—A rádio suíça disse que ao dr. Ernest Gruedins of Saint Gallen, autor principal das leis raciais de Hitler, foi retirada a qualidade de cidadão suíço pelo Ministério da Justiça da Suíça.

É antigo professor de higiene e psiquiatria na Universidade de Munique e pertenceu às SS. — (R.).

Os fornecimentos

**americanos
à Rússia
continuarão
quando justificados**

WASHINGTON, 16.—Joseph Grew, secretário de Estado interino, numa declaração que esclarece a atitude dos Estados Unidos para com a Rússia, referente à Lei do Empréstimo e Arrendamento, disse que os embarques destinados a esse país, serão «revistos e continuarão, quando justificados».

«A Lei de Empréstimo e Arrendamento prevê que o Presidente, quando julgue que seja do interesse nacional, poderá autorizar o chefe de qualquer organismo do governo ou de qualquer Departamento a enviar artigos de defesa para governos estrangeiros. Poderá proceder desta forma até 30 de junho de 1946, ou até que uma decisão conjunta de ambas as Camaras do Congresso, antes dessa data, declarem que esses poderes já não são necessários para a defesa dos Estados Unidos.

«A lei torna claro que o Presidente deverá especificar qual a natureza dos artigos enviados, como sendo vitais para a defesa dos Estados Unidos.

«O programa de abastecimentos ao abrigo da mesma lei, enviados para a Inglaterra, Índia, Australia, Nova Zelândia e colónias britânicas, depois da derrota da Alemanha, foi arrumado depois de discussões entre os representantes britânicos e americanos. Foi proposto que de tempos a tempos tal programa seja revisto e reajustado conforme seja requerido pelas diferentes necessidades de abastecimentos.

«Desde 1941 que os Estados Unidos concordaram com a Rússia nos programas de envios dos abastecimentos anuais a que foram dadas as formas de protocolos. Atendendo às alterações verificadas na situação militar, programas com tal duração já não são considerados necessários. Em seu lugar sugeriu-se que os embarques de quaisquer materias ao abrigo da Lei de Empréstimo e Arrendamento sejam revistos e continuados, quando justificados por convenientes informações e atendendo à natureza militar essencial dos empréstimos pedidos, bem como aos pedidos feitos pelas outras nações aliadas. Evidentemente que nestas bases, serão feitas substanciais reduções nos envios de material para a Rússia, ao abrigo desta lei. — (United Press).

Vai a Moscovo

uma comissão americana

tratar do problema das reparações

WASHINGTON, 16.—O Presidente Truman, anunciou que foi nomeada uma Comissão de Reparções, constituída por 23 altas individualidades, para ir a Moscovo tratar com a comissão similar russa da questão das reparações a exigir da Alemanha.

A comissão norte-americana permanecerá algum tempo na Alemanha a estudar o assunto, antes de partir para Moscovo.

Truman declarou que esta comissão, de acordo com as comissões de reparações aliadas, farão um acordo justo e equitativo acerca das reparações «com a ideia de que dele advirá o máximo de reabilitação e restauração dos territórios e países destruídos pela guerra dos alemães e que nunca mais será possível de novo o rearmamento da Alemanha e do Japão. — (U. P.).

ALGARVIOS:

Amanhã inicia a sua publicação como diário o

«CORREIO DO SUL»

completamente remodelado no formato, aspecto gráfico e serviço informativo
O único jornal diário do Algarve — O único jornal que diariamente pode dar aos algarvios de Lisboa pormenorizadas notícias da sua provincia

Delegação em Lisboa, Rua das Pretas, n.º 47, 2.º, DL.º
onde se recebem anúncios e assinaturas

IMPERIUM SALAO
CHÁ
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105-T 27527